

O populismo de André Ventura: uma análise discursiva da campanha para as eleições presidenciais de 2021

Adriana Isabel Marques Parrança

Orientadora: Prof.^a Auxiliar Doutora Isabel Alexandra de Oliveira David

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Ciência Política

**Lisboa
2022**

O populismo de André Ventura: uma análise discursiva da campanha para as eleições presidenciais de 2021

Adriana Isabel Marques Parrança

Orientadora: Prof.^a Auxiliar Doutora Isabel Alexandra de Oliveira David

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Ciência Política

Presidente: Doutor Pedro Miguel Moreira da Fonseca, Professor Associado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais: Doutora Isabel Alexandra de Oliveira David, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientadora;

Doutor Samuel de Paiva Pires, Professor Auxiliar Convidado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

**Lisboa
2022**

AGRADECIMENTOS

Foi uma trajetória de desafios, alegrias, incertezas, mas também com algumas adversidades pelo caminho. Apesar do processo solitário que é a realização de uma dissertação a que qualquer investigador está destinado, o trabalho que se pode ler ao longo das próximas páginas é a conclusão de mais um objetivo, que não teria sido possível, caso não tivesse o apoio de algumas pessoas fundamentais.

A minha **Avó** por ter estado sempre ao meu lado e me ter possibilitado sempre correr atrás dos meus objetivos, encorajando-me a nunca desistir. Certamente, que o **Avô** onde quer que esteja estará muitíssimo orgulhoso. Muito obrigada por tudo! A vocês dedico a minha dissertação.

A minha **Mãe** e a minha **Tia** (*mãe de coração*) por terem estado sempre presentes neste percurso, por nunca baixarem os braços e permitirem que pudesse investir na minha formação, pelo apoio incondicional e esforço, sem os quais não seria possível realizar este meu objetivo.

A minha **orientadora Professora Doutora Isabel David**, por toda a disponibilidade, paciência e ajuda imediata, por tantos e bons conselhos, e por acreditar, sempre. Por me ter dado a motivação quando mais precisei e nunca me ter permitido desistir desta caminhada, sempre com uma palavra amiga e de confiança em mim e nas minhas competências. Professora, um enorme obrigada por todo o apoio na realização desta dissertação.

Ao **Diogo**, por ter estado sempre ao meu lado e por me fazer acreditar que era capaz. Obrigada pelo apoio, pela enorme compreensão, motivação e por aturar o meu “feito tese”, que percebeu desde o início, o quão esta dissertação era de extrema importância para mim. Foi um pilar fundamental nesta fase, contribuindo também para chegar ao fim deste percurso.

Ao meu **Irmão**, que com carinho agradeço todo o apoio, a amizade, estar sempre presente no meu percurso e acreditar em mim.

Ao **Joaquim** pela amizade, pelo apoio durante todo este percurso e por acreditar sempre que eu iria ser capaz, mesmo quando eu colocava incertezas sobre se iria conseguir.

A **Sara**, a pessoa que conheci por causa da minha dissertação e que me ajudou bastante. Obrigada pelas conversas, conselhos e pelo tempo dispensado para mim, sempre com uma palavra amiga.

Quero agradecer **aos meus amigos** mais próximos com os quais partilhei bons e maus momentos durante este ciclo do meu percurso académico, ajudando-me nas mais diversas situações. E amigos que nos dão força e que lutam para nos ver felizes, são raros hoje em dia.

Por fim, o meu sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a concretização desta dissertação.

RESUMO

A dissertação tem como objeto de estudo a análise discursiva da campanha de André Ventura para as eleições presidenciais de 2021, com o objetivo de verificar se no seu discurso estão presentes as características do populismo.

A metodologia utilizada para a investigação foi a análise qualitativa com recurso ao programa MaxQDA dos seguintes materiais: debates presidenciais, entrevistas, a rede social Twitter, a campanha eleitoral e o discurso de André Ventura após serem conhecidos os resultados eleitorais. Para essa análise, foram criadas as seguintes categorias: povo e elite, antissistema, nacionalismo e autoritarismo. Estas categorias foram criadas tendo por base a abordagem ideacional ao populismo teorizada por Cas Mudde.

A análise permitiu concluir que o discurso de André Ventura durante a campanha eleitoral para as eleições presidenciais de 2021 enquadra-se nas características do populismo apontadas por Mudde. Os materiais analisados realçaram a relação antagónica entre os “portugueses de bem” e os “outros”, comprovando a sua posição antissistema e nacionalista, tal como, os frequentes ataques aos candidatos e partidos. Elevou o discurso anti comunidades ciganas, anticorrupção, numa postura de "homem providencial" que veio para salvar Portugal dos últimos 46 anos com a constituição da IV República, cujo objetivo é afastar a esquerda do poder e todos aqueles que ele exclui. Os traços autoritários estiveram mais presentes no confronto com os seus adversários, nas suas medidas para repor a lei e ordem no país e na campanha eleitoral. Efetivamente, os apelos ao povo salientaram-se onde existiu mais mediatismo: debates, campanha eleitoral e Twitter, já nas entrevistas elevou a sua retórica nacionalista.

Tal como apontado por Mudde, os resultados da análise demonstram que os fundamentos do sistema são questionados, produzindo uma nova ordem onde uma comunidade ético-política é representada por um povo hegemónico que substitui as estruturas tradicionais da democracia, defendido por um líder populista.

Palavras-Chave: Populismo, Direita Radical, Discurso político, Antissistema, André Ventura, Chega.

ABSTRACT

The object of study of the dissertation is the discursive analysis of Andre Ventura campaign for the 2021 presidential elections, with the aim of verifying whether in his speech the characteristics of populism are present.

The investigation used a qualitative analysis through the program MaxQDA. The program analyzed the presidential debates, interviews, the social network Twitter, the electoral campaign and Ventura's speech after the election results were known. For this analysis, the following categories were created: people and elite, anti-system, nationalism and authoritarianism. These categories were created based on the ideational approach to populism theorized by Mudde.

With the analysis we conclude that Ventura's speech during the electoral campaign for the 2021 presidential elections fits the characteristics of populism pointed out by Mudde. The analyzed materials highlighted the antagonistic relationship between the "good Portuguese" and the "others", proving his anti-system and nationalist position, as well as the frequent attacks on candidates and other parties. Increased his anti-Gypsy community speech and anti-corruption, in a posture of a "providential man" who came to save Portugal from the last 46 years with the constitution of the IV Republic, whose objective is to remove the left from power and all those he excludes. The authoritarian traits were more present in the confrontation with his opponents, in his measures to restore order in the country and in the electoral campaign. Indeed, the appeals to the people stood out where there was more media coverage: debates, electoral campaigns and Twitter, on the other hand in the interviews he raised its nationalist rhetoric.

As pointed out by Mudde, the results of the analysis demonstrate the fundamentals of the system are questioned, producing a new order where an ethical-political community is represented by a hegemonic people that replaces the traditional structures of democracy, defended by a populist leader.

Keywords: Populism, Radical Right, Political Speech, Anti-System, André Ventura, Chega.

ÍNDICE:

AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE FÍGURAS	VII
LISTA DE GRÁFICOS	VIII
LISTA DE TABELAS	IX
LISTAS DE ACRÓNIMOS E SIGLAS	X
INTRODUÇÃO	1
1. Relevância e justificação do tema	1
2. Revisão da literatura	3
3. Pergunta de partida e objetivos	4
4. Organização da Dissertação	5
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEITOS OPERACIONAIS	6
1. Populismo – um conceito controverso	6
2. Enquadramento teórico: o populismo como ideologia	9
3. O conceito de democracia (l)iberal e o populismo	14
4. Populismo: Direita e Esquerda	17
5. Características do Líder Populista	18
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	22
1. O programa MaxQDA	23
2. Materiais discursivos utilizados e a rede social Twitter	25
3. Categorias: construção e justificação	26
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
1. Resultados	30
1.1. Debates Presidenciais	30
1.2. Entrevistas em Período Eleitoral	34
1.3. Campanha Eleitoral	37
1.4. Twitter	38
1.5. Discurso Pós-Resultados Eleitorais	41
2. Discussão dos resultados	42
2.1. Povo e Elite	42
2.2. Antissistema	43
2.3. Nacionalismo	45
2.4. Autoritarismo	48

2.5. A liderança de André Ventura	50
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

LISTA DE FÍGURAS

FIGURA 1. MATRIZ DE CÓDIGOS DOS DEBATES PRESIDENCIAIS 2021	32
FIGURA 2. MATRIZ DE CÓDIGOS DAS ENTREVISTAS	35
FIGURA 3. MATRIZ DE CÓDIGOS DA CAMPANHA ELEITORAL	38
FIGURA 4. MATRIZ DE CÓDIGOS DO TWITTER	40
FIGURA 5. MATRIZ DE CÓDIGOS APÓS OS RESULTADOS ELEITORAIS	41
FIGURA 6. MATRIZ DE CÓDIGOS - POVO E ELITE.....	43
FIGURA 7. MATRIZ DE CÓDIGOS - ANTISSISTEMA.....	44
FIGURA 8. MATRIZ DE CÓDIGOS - ATAQUES AOS CANDIDATOS ÀS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2021.....	45
FIGURA 9. MATRIZ DE CÓDIGOS - NACIONALISMO	46
FIGURA 10. MATRIZ DE CÓDIGOS - AUTORITARISMO	49

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. CATEGORIAS EM TODOS OS DOCUMENTOS.....	42
--	-----------

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. ANTISSISTEMA - ELABORADA PELA AUTORA	44
TABELA 2. NACIONALISMO - ELABORADA PELA AUTORA.....	47

LISTAS DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

BE – Bloco de esquerda

CAQDAS - Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software

IL – Iniciativa Liberal

JSD – Juventude Social Democrata

PCP – Partido Comunista Português

PS – Partido Socialista

PSD – Partido Social Democrata

RIR – Partido Reagir Incluir Reciclar

RSI – Rendimento Social de Inserção

INTRODUÇÃO

1. Relevância e justificação do tema

A presente dissertação analisa o populismo nos discursos de André Ventura, líder do partido Chega, no contexto das eleições presidenciais de 2021. Cas Mudde definiu populismo como “uma ideologia que considera a sociedade finalmente separada em dois grupos homogêneos e antagónicos, ‘o povo puro’ versus ‘a elite corrupta’, e que argumenta que a política deve ser uma expressão do *volonté générale* (vontade geral) do povo” (Mudde, 2004, p.543). O partido Chega fundado por André Ventura, surgiu como projeto ainda no final do ano 2018, entendendo que o país precisava de uma nova força política capaz de romper com os poderes instalados e com o politicamente correto, foi reconhecido como o 24º partido português em abril de 2019 pelo Tribunal Constitucional (Chega, sd). André Ventura foi membro de vários órgãos distritais do PSD (Partido Social Democrata) e da JSD (Juventude Social Democrata), tendo sido igualmente Conselheiro Nacional de 2015 a 2017, também foi candidato por este partido à Presidência da Câmara Municipal de Loures em 2017, tendo obtido um dos melhores resultados de sempre do PSD no concelho. O ano de 2017 é particularmente relevante para compreender o percurso do líder do Chega, pois foi o ano em que lançou para a campanha eleitoral alguns dos temas característicos do populismo (Jornal I, 2017). A 17 de Julho de 2017 aparece na capa do *Jornal I*, na qualidade de candidato do PSD à Câmara de Loures, com a manchete “Os ciganos vivem quase exclusivamente dos subsídios do Estado”.

No dia 8 de fevereiro de 2020, André Ventura anunciou candidatar-se às eleições presidenciais de janeiro de 2021, apresentando formalmente a sua candidatura no dia 29 de fevereiro em Portalegre. Alegou candidatar-se para se opor ao sistema vigente, contrariamente ao atual Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que Ventura referiu ser “a face deste sistema, nasceu neste sistema, cresceu com este sistema e defende este sistema”, e ainda mencionou o “seu silêncio” face aos “grandes problemas” que Portugal enfrenta (TVI24, 2020). André Ventura nega qualquer associação ao populismo, apenas refere que os partidos tradicionais “já não respondem aos problemas das pessoas” e assume-se como “nacional, conservador, liberal e personalista” (Chega, sd). Durante os primeiros meses da criação do partido Chega do qual é líder, tentou evitar o rótulo de partido de extrema-direita. Durante a campanha presidencial foi apoiado por figuras da direita populista europeia como, Marine Le Pen e Matteo Salvini. Os resultados eleitorais deram vitória a Marcelo Rebelo de Sousa, Ventura ocupou o terceiro lugar com 11,90%, correspondendo a 496.583 votos, ainda assim, ficou em segundo lugar em 11 dos 18 distritos de Portugal Continental e na Madeira (MAI, 2020).

O populismo é um dos principais fenómenos políticos do século XXI (Mudde & Kaltwasser, 2017, p.1). Em primeiro lugar, o termo é utilizado para descrever presidentes de esquerda da América Latina, exemplo disso: Hugo Chávez (Venezuela) em 1998 e, posteriormente, Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador) e Daniel Ortega (Nicarágua), que se apresentaram como representantes da esquerda radical com base em protestos sociais consequentes das reformas neoliberais implementadas nas últimas duas décadas do século XX. Porém, os países latino-americanos assistiram à ascensão e queda de diferentes versões de populismo (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.28). Em segundo lugar, o conceito é utilizado para qualificar partidos de direita e de esquerda na Europa. O Syriza (Grécia), o Bloco de Esquerda (Portugal) e o Podemos (Espanha) estão associados à esquerda populista. Associados à direita radical estão o Rassemblement National (ex-Frente Nacional) de Marine Le Pen (França), a Liga do Norte de Matteo Salvini (Itália) ou o Fidesz de Viktor Orbán (Hungria), que combinam populismo com duas outras características: autoritarismo¹ e nativismo². Desta forma, a natureza xenófoba do populismo atual europeu da direita radical deriva de uma conceção muito específica da nação baseada numa definição étnica e chauvinista do povo, ou seja, o populismo, o autoritarismo e o nativismo estão interligados atualmente por conformidade na Europa (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.34). Nos Estados Unidos, o sucesso eleitoral de Donald Trump em 2016 foi interpretado como um prenúncio de uma era populista nas democracias ocidentais (Bonikowski, 2019, p. 110), a sua campanha conseguiu aplicar estratégias discursivas comparáveis às dos partidos populistas de direita radical na Europa (Mudde, 2007), e fez o mesmo contra uma força inicial de resistência da elite do Partido Republicano. A eleição de Jair Bolsonaro como Presidente do Brasil em 2018, é outro exemplo do recente fenómeno global de vitórias eleitorais de líderes populistas de direita, baseou a sua campanha num estilo de populismo de exclusão para captar a atenção dos media e apoio dos eleitores.

A presente investigação tem como foco a análise do discurso de André Ventura nas eleições presidenciais de 2021, pretendendo analisar as suas características populistas com base na abordagem ideacional, a abordagem mais utilizada pelos estudos que medem empiricamente o populismo, dado que a sua definição concisa é favorável à clara operacionalização e é aplicável a vários atores e domínios diferentes (Mudde, 2017, p. 35). Ainda permite a análise empírica do discurso populista, bem como, desenvolver um raciocínio sobre as razões pelas quais existe tanta procura por populismos ao

¹ O autoritarismo considera que a sociedade deve ser administrada e ordenada de forma rígida e as infrações às leis do Estado devem ser severamente punidas, reforçando o papel da polícia e dos militares. Por outras palavras, enquanto os autoritários estarão mais inclinados a aceitar autoridade (estabelecida) do que os não autoritários, eles podem e serão rebeldes sob certas circunstâncias (Mudde, 2007, p.23).

² O conceito de nativismo é uma combinação das noções de nacionalismo e xenofobia. Esta ideologia considera que os estados deveriam ser habitados quase exclusivamente por pessoas nativas. Os não nativos são considerados como uma ameaça à homogeneidade do estado nação. (Mudde, 2007, p.22).

nível das massas. A escolha do tema deve-se ao rápido crescimento eleitoral do partido Chega, liderado por André Ventura, o qual recebeu 67,826 votos nas eleições legislativas de 2019, correspondentes a 1,29% do total de votos, permitindo-lhe eleger um deputado, precisamente o líder. André Ventura recebeu 496,653 votos nas eleições presidenciais, que significam 11,9% do total de votos, facto que reflete o reconhecimento social, a ação política, a prática, o discurso e a imagem do líder. Repare-se que o partido conseguiu eleger um deputado nas Legislativas de 2019, poucos meses após a constituição do partido, que por si só, já é um fenómeno político de análise, num panorama em que a abstenção eleitoral representa quase metade do eleitorado, e não esquecendo que se estreou nas eleições que obtiveram maior taxa de abstenção (Pordata, 2019). Essa rápida ascensão, aliada a um discurso antissistema associado ao populismo, merece uma análise cuidada ao nível da área científica da Ciência Política.

2. Revisão da literatura

O interesse no tema para a investigação deve-se ao facto de não existir ainda muita literatura sobre o mesmo. A contribuição mais relevante sobre o tema é o livro de Marchi (2020), *A Nova Direita Anti-Sistema – o caso do Chega*, que traça também as linhas gerais do que são os movimentos nacionalistas, populistas e de direita radical, definindo-os e fixando os conceitos. A dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa, de Silva (2019) no âmbito do mestrado em Media e Jornalismo, com o tema: “O populismo e as redes sociais: o caso de André Ventura e a utilização do Facebook durante as eleições europeias de 2019” teve por base a análise da página pessoal de Facebook de Ventura no contexto das eleições europeias de 2019. Mendes (2020), no âmbito da sua dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, analisou a campanha eleitoral do Chega para as eleições legislativas de 2019. A dissertação apresentada ao ISCTE na área da Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, de Amaral (2020), analisou como partidos de cariz autoritário e populistas utilizam as redes sociais para alcançar e influenciar mais seguidores. Madeira, Silva e Malheiros (2020) fazem uma análise da territorialização da votação do partido Chega à escala municipal. Serrano (2020) estudou as manifestações de populismo no discurso político do líder do novo partido parlamentar Chega, tal como representado na imprensa e na televisão. Mendes e Dennison (2020) compararam os partidos Vox e Chega, explicando a emergência da direita radical em Portugal e Espanha. Belim (2020) explora a comunicação online da coligação Basta e do Vox nas eleições para o Parlamento Europeu em 2019.

Posteriormente à submissão do meu projeto, no início de 2021, surgiram novos estudos. Eiró-Gomes e Raposo (2021), analisaram a emergência do populismo em Portugal nas eleições autárquicas de 2017 na candidatura de André Ventura a Loures. Heyne e Manucci (2021) comparam o eleitorado da direita radical populista personificada no Chega e no Vox (Espanha). Santos e Roque (2021) exploram a agenda anti imigração e antifeminista do Chega e do PNR. Hegstad (2021), na sua tese de licenciatura, compara a direita radical na Alemanha e em Portugal. Dias (2021), analisa o discurso de natureza messiânica na fabricação da legitimação por parte de Jair Bolsonaro e André Ventura. Na dissertação apresentada ao ISCSTE na área da Psicologia Social e Organizacional, Jaramillo (2021) explorou as representações sociais dos “portugueses de bem” e dos “outros inimigos” no discurso de Ventura no Facebook, Twitter e Instagram durante o último mês da sua campanha presidencial em 2021. Finalmente, López-Rodríguez, González-Gómez e González-Quinzán (2021) fazem um estudo comparado do populismo e da extrema direita na Península Ibérica. Num capítulo de livro a sair em 2022, Biscaia e Salgado, traçam analogias entre o Chega e o populismo de direita em França, Espanha e Itália.

Por conseguinte, a investigação propõe analisar o discurso de André Ventura durante as eleições presidenciais de 2021 para acrescentar informação relevante académica e científica sobre a ascensão do populismo no sistema político em Portugal. Saliente-se que, da revisão de literatura apresentada, não existe produção científica que analise a campanha presidencial de André Ventura através das várias plataformas estudadas nesta dissertação – debates presidenciais, entrevistas durante a campanha eleitoral, campanha eleitoral, Twitter e discurso após os resultados – ou recorrendo ao programa de análise qualitativo MaxQDA. É esta análise que me proponho fazer, tendo como fundamento a ideia de que o discurso apresentado pelo candidato nas várias plataformas pode apresentar variações.

3. Pergunta de partida e objetivos

A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida, assim sendo, a pergunta de partida: **“Quais as características populistas dos discursos de André Ventura durante a campanha para as eleições presidenciais de 2021?”**, servirá de primeiro fio condutor da investigação, deve apresentar qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência (Quivy & Campenhoudt, 2005, citado em Amador, 2010, p.4).

Com o propósito de responder à pergunta de partida, o **objetivo geral** da investigação consiste em construir o conhecimento necessário que possibilite compreender de que forma André Ventura articula um discurso populista na campanha para as eleições presidenciais de 2021. Quanto aos **objetivos específicos**, a investigação visa: 1) identificar os principais temas tratados nos discursos durante a campanha eleitoral; 2) identificar as características apontadas por Cas Mudde, como constituintes da abordagem ideacional ao populismo; 3) identificar as ideologias associadas ao populismo de André Ventura; 4) identificar o tipo de liderança populista de André Ventura.

4. Organização da Dissertação

O **primeiro capítulo** aborda o enquadramento teórico sobre o tema de estudo, é consignada a definição de populismo e o debate em torno do conceito. O debate entre politólogos e académicos é extenso e por isso destaca-se quatro abordagens dominantes: a abordagem ideacional, o populismo como estratégia, o populismo enquanto estilo e a abordagem sociocultural.

No **segundo capítulo** explico a metodologia de investigação escolhida e o seu posicionamento no campo científico. A opção passou por utilizar a metodologia qualitativa através do programa MaxQDA para analisar os debates de André Ventura de 2 a 9 de janeiro de 2021, as entrevistas dadas pelo candidato durante o período eleitoral, a campanha eleitoral de 10 a 22 de janeiro, a rede social Twitter de 2 a 25 de janeiro, e por fim o discurso de Ventura após conhecer o resultados eleitorais, de modo a apurar se o seu discurso adota contornos populistas.

No **terceiro capítulo**, dedicado à análise dos resultados, apresentei os dados recolhidos e identifiquei algumas tendências com base nas categorias escolhidas para nortear a investigação: povo e elite, antissistema, nacionalismo e autoritarismo. No final deste capítulo foi introduzida a discussão de resultados que permitiu retirar ilações sobre o discurso do candidato, resultantes da análise de dados como um todo.

Por fim, são apresentadas as conclusões deste estudo, onde dou resposta à pergunta de partida e aos objetivos que direcionaram toda esta investigação e apresento pistas de investigação futura.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEITOS OPERACIONAIS

1. Populismo – um conceito controverso

O debate em torno do populismo não é novo e não se refere apenas ao que é, mas se realmente existe, por exemplo, Kaus Von Bayme (1988) e Taguieff (1998) referem que historicamente o populismo passou por três ondas difíceis de definir em termos temporais: o populismo agrário, o populismo latino-americano e populismo da nova direita, mas foi no final do século XX que este fenómeno aumentou significativamente. Todavia, não existe uma definição comumente aceite entre os estudiosos na área da Ciência Política, existem divergências sobre a sua categorização, rótulo e fronteiras entre as suas diferentes manifestações (Mudde, 2004), é um conceito altamente contestado e difícil de definir (Priester, 2011, p.185). Foi atribuído com uma "ambiguidade constitucional" (Taguieff, 1997, p. 11), resultando num "termo notoriamente vago" (Canovan, 1999, p. 3), assim, a maioria das definições de populismo sofre de "incompletude inerente" (Taggart, 2004, p. 275). A dificuldade em conceptualizar o fenómeno resulta do facto de não ser um rótulo reivindicado pelas próprias pessoas e/ou organizações, é atribuído a outros, na maioria das vezes com uma conotação negativa, observado como uma tendência perigosa “que, ao enfatizar a ideia de soberania popular, pode perseguir objetivos problemáticos, como a exclusão das minorias étnicas e a erosão da responsabilidade horizontal” (Mudde e Kaltwasser, 2011, pág. 4), por exemplo, no contexto europeu refere-se na maioria das vezes à anti-imigração e à xenofobia, não obstante, na América Latina alude à má gestão económica. Esta vertente camaleónica do conceito é uma das causas que origina a dificuldade em chegar a uma definição clara e precisa de populismo (Taggart, 2000).

Nas mais variadas definições de populismo, é comum a todas incluírem o apelo ao “povo puro” e uma denúncia da “elite corrupta” (Mudde e Kaltwasser, 2017), dividindo a sociedade em dois grupos homogéneos e antagónicos, em que a política deve ser a expressão da “volonté générale” (vontade geral) do povo (Rousseau, 1762), a valorização positiva do povo, a depreciação da elite e a ideia de soberania popular (Stanley, 2008, p.102). O populismo carece de valores fundamentais e é «camaleónico» (Taggart, 2000), uma vez que a cor ideológica que adota depende do contexto e dos valores do círculo eleitoral ao qual apela. Laclau identifica o populismo como uma forma de construção da política, despido, portanto, de qualquer conteúdo específico, pois “seja de esquerda, seja de direita, decididamente o populismo constitui-se sempre em torno de uma rutura. Em certo momento, o sistema institucional vigente entra em obsolescência e mostra a sua incapacidade de absorver as novas

procuras sociais pelas vias tradicionais, em decorrência disso, tais procuras tendem a aglutinar-se fora do sistema, num ponto de rutura com o sistema. É o “corte populista” (Laclau, 2013, p 21).

A extensa produção sobre o populismo implicou a revisitação do conceito que, como acontece com tantos outros conceitos, não está, assim cristalizado, sendo tratado de forma diversa. A investigação sintetiza esses conceitos em quatro abordagens predominantes: o populismo como estratégia (Kurt Weyland, Kenneth Roberts), o populismo como estilo político (Jan Jagers e Stefaan Walgrave, Benjamin Moffitt e Simon Tormey, Ernesto Laclau, Francisco Panizza, Carlos de la Torre), a abordagem sociocultural (Pierre Ostiguy) e a abordagem ideacional (Cas Mudde, Rovira Kaltwasser, Kirk Hawkins).

O populismo enquanto estratégia política consiste numa estratégia “através da qual um líder personalista procura ou exerce o poder do governo com base no apoio direto, não mediado e não institucionalizado de um grande número de seguidores maioritariamente desorganizados” (Weyland, 2001, citado em Robert R. Barr, 2018, p.5). Consiste essencialmente em “determinar as principais formas e meios pelos quais os atores políticos capturam o governo e tomam decisões autorizadas” (Weyland, 2017, p.8). Geralmente baseiam-se em líderes carismáticos, dado que “assenta numa liderança personalizada, procura aumentar a sua autonomia e poder, e contesta, empurra para o lado ou domina outro tipo de atores, sejam eles elites ou partidos organizados. Em particular, os líderes populistas combatem a classe política e tentam passar por cima da mesma” (Weyland, 2017, p.10). Possuem um discurso antipolítico³, destacando-se de todas as características de liderança populista, porque “as características mais distintas desta nova liderança são a sua hostilidade implacável ao estabelecimento político na aversão a instituições intermediárias que podem responsabilizar um líder pelos círculos eleitorais em massa”⁴ (Roberts, 2003, p.36).

Uma abordagem alternativa define o populismo como um estilo político com base em elementos comunicativos e performativos do populismo, tais como os aspetos estilísticos (Canovan, 1999) e as suas dimensões comunicativas (Jagers & Walgrave, 2007). A abordagem discursiva inspirada na teoria pós-estruturalista e pós-marxista de Laclau e Mouffe (1985) sustenta que “a sociedade está sempre dividida e discursivamente construída através de práticas hegemónicas” (Mouffe, 2018, p. 10).

³ Um ataque direto à classe política, como um todo, a qual é representada como corrupta e incapaz de atender aos interesses da população (Weyland, 2017 e Canovan, 1999).

⁴ “The most distinctive features of this new leadership are its implacable hostility to the political establishment na aversion to intermediary institutions that can hold a leader accountable to mass constituencies.” (p.36).

Laclau e Ipola (1991) definem populismo como um determinado tipo de discurso político caracterizado pela constante exclusão dos "outros" e pela inquirição dos indivíduos como membros de um coletivo, que são vítimas diretas dos interesses desses "outros", é uma "retórica que constrói a política como a luta moral e ética entre o povo e a oligarquia" (De la Torre, 2000, p.4). O populismo é vago e impreciso, tanto para o público a que se dirige, como no seu discurso e nos seus postulados políticos, é uma mera retórica, dado que no discurso político a ausência de sentido, o uso de símbolos vazios e a imprecisão daquilo que é difundido reforçam o ato performativo e conduzem à falta de identidade com a imagem social traçada (Laclau, 2005, p.91). É "um discurso centrado em torno dos pontos centrais: 'o povo' e 'a elite', em que o significado de 'povo' e de 'elite' é construído através de um antagonismo para baixo/para cima entre 'o povo', como um grande grupo impotente e 'a elite', como um pequeno e ilegítimo poderoso grupo" (De Cleen, 2017, p.345).

A abordagem sociocultural relaciona, como o próprio nome indica, as dimensões sociais e culturais com a dimensão política (Ostiguy, 2017), tem por base a importância das características do líder, mas encara o fenómeno como relacional, tanto no que diz respeito à identificação entre líder e seguidores, como no estabelecimento de uma relação hostil com "um outro" que considera prejudicial. Pierre Ostiguy (2020) considera o populismo como um modo de ser e de agir na política, integrando no discurso e na sociedade aquilo que é culturalmente popular de forma antagónica contra o seu opositor, aliado a um personalismo como um modo concreto de autoridade, reconhece também que esta abordagem apresenta alguns pontos semelhantes com a abordagem que identifica o populismo como uma estratégia política (p.1). A vertente sociocultural no eixo "high" (alto) compreende modos, comportamentos, formas de falar e vestir, vocabulário e gostos exibidos em público, caracteriza os políticos como "bem-comportados, talvez mais polidos, e tendem a usar uma linguagem mais racional (por vezes repleta de palavras-chave) ou um discurso eticamente orientado. Negativamente, podem aparecer como rígidos, sérios, sem cor e de alguma forma distantes ou até mesmo aborrecidos." (Ostiguy, 2017, p. 8). Por outro lado, os políticos do eixo "low" (baixo) utilizam uma linguagem comum e podem recorrer ao calão e a metáforas, são mais desinibidos em público e recorrem a uma linguagem grosseira ou popular, na visão dos políticos do "high", a sua forma de estar pode ser vista como incorreta e desadequada (Ostiguy, 2017, p.8). A vertente política tem por base a forma como os políticos agem e tomam decisões e o estilo da sua liderança política, os políticos do eixo "high" preferem soluções mais formais e são defensores de soluções mais institucionais (Ostiguy, 2017, p.11). Em contrapartida, no eixo "low" enfatiza uma liderança bastante mais personalizada e forte e que desafia os procedimentos legais mais comuns (Ostiguy, 2017, p.11).

A investigação vai seguir a abordagem ideacional, uma vez que é a abordagem mais utilizada pelos estudos que medem empiricamente o populismo, dado que a sua definição concisa é favorável à clara operacionalização e é aplicável a vários atores e domínios diferentes (Mudde, 2017, p. 35), permite compreender a relação ambivalente entre o populismo e a democracia, uma vez que “o povo” é visto como puro e a elite é retratada como corrupta, portanto, é comum os populistas afirmarem que ninguém tem o direito de se sobrepor à vontade popular, tendem a favorecer a soberania popular e a combater a democracia liberal, em particular, os direitos das minorias, estado de direito e a separação de poderes, como o poder judiciário e a media (Mudde & Kaltwasser, 2018, p.1670), ainda permite a análise empírica do discurso populista, bem como desenvolver um raciocínio sobre as razões pelas quais existe tanta procura por populismos ao nível das massas.

2. Enquadramento teórico: o populismo como ideologia

Nos últimos anos, um grupo crescente de estudiosos definiu o populismo com base na “abordagem ideacional” interpretando-o como um discurso, uma ideologia ou uma visão do mundo (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 5). Definem o populismo como uma ideologia “thin-centered” que considera um conjunto específico de ideias que não apenas retrata a sociedade, como ainda divide entre “o povo puro” versus “a elite corrupta”, para além de afirmar que a política é a expressão da vontade geral do povo (Mudde & Kaltwasser, 2017, p.6). É distinto de ideologias clássicas, como o fascismo e o liberalismo, porque têm uma morfologia restrita, ainda assim, o populismo aparece quase sempre ligado a outros elementos ideológicos, que são cruciais para a promoção de projetos políticos que são atraentes para um público mais amplo (Mudde e Kaltwasser, 2018, p.1669). Por exemplo, a direita populista depende do nativismo para retratar uma compreensão étnica estreita de quem são efetivamente os membros do “povo puro”, já a esquerda populista está ligada ao socialismo para conceptualizar o “povo puro” que abraça o desfavorecido socioeconómico. O populismo por si só, não é suficientemente complexo para responder às questões políticas que as sociedades produzem, é por isso que se pode observar a formação de várias forças populistas, combinando o populismo com uma gama diversificada de “ideologias hospedeiras” (Mudde e Kaltwasser, 2018 p.1670), definir o populismo como uma ideologia “permite ter em conta o lado da procura e da oferta da política populista” (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 20).

Na abordagem ideacional identificam-se dois opostos: elitismo e pluralismo (Hawkins, 2009; Mudde, 2004; Plattner, 2010). O elitismo é a distinção do populismo e da sociedade maniqueísta, entre o “bem” e o “mau” homogéneo, com uma visão oposta sobre a moralidade de cada umas dessas

entidades, considerando “o povo” perigoso, desonesto e vulgar e “a elite” como grupo de atores que devido à sua superioridade intelectual e moral devem estar no poder, rejeitando a vontade do povo (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.7). O pluralismo rejeita a distinção entre povo e elite, baseia-se numa sociedade dividida em vários grupos sociais com diferentes ideais e interesses, a diversidade é considerada como uma força e trata os “males” como desafios impessoais, o importante é que a sociedade tenha vários centros de poder e que a política reflita os interesses e valores do maior número de grupos possível (Mudde e Kaltwasser, 2017, pp. 7-8). Aqueles que aderem ao pluralismo estão normalmente inclinados a pensar na soberania popular como um processo dinâmico e aberto, em vez de uma vontade fixa e unificada do povo. As definições de populismo e clientelismo são usualmente confundidas na literatura, em particular, no que diz respeito à política latino-americana, e, portanto, entende-se clientelismo como um modo particular de trocas entre eleitorados e políticos, em que os eleitores adquirem bens através do apoio concedido a um determinado líder ou partido (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.8). O clientelismo é sobretudo uma estratégia utilizada por líderes e partidos para ganharem e exercerem poder político, a única semelhança entre os termos é o facto de não estarem associados à distinção esquerda-direita.

É possível apurar a existência de uma ligação eletiva entre o populismo e a democracia direta (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.17), bem como, todos os mecanismos institucionais que estimulem a uma relação direta entre o líder populista e os cidadãos eleitores, ainda que a noção de “vontade geral” revele apoio a propensões autoritárias e ataques iliberais a qualquer identidade que ameace a homogeneidade do povo. São vários os académicos que argumentam a visão antipolítica manifestada pelo populismo, uma vez que tanto os atores populistas, como os eleitores procuram gerar utopias antipolíticas⁵, argumentando oporem-se ao “politicamente correto” e a “quebrarem tabus” (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.19) impostos ao povo pela elite (corrupta), de modo a promoverem a repolitização de determinados temas. É uma relação complexa, já que o populismo é amigo e inimigo da democracia (liberal), dependendo do estágio do processo de democratização, pois “o liberalismo descontrolado pela democracia pode facilmente deteriorar-se em oligarquia ou tecnocracia” (Berman, 2017, p. 30), em muitos aspetos, o populismo é, de facto, uma resposta democrática iliberal ao liberalismo antidemocrático.

⁵ Paul Taggart na sua noção de “heartland” alude algumas semelhanças a uma sociedade ideal (Taggart, 2000, p. 95). A comunidade e o território imaginados do populista que retrata uma identidade homogénea que supostamente é autêntica e incorruptível.

O populismo possui um conjunto de conceitos interligados com a morfologia populista que são tão importantes quanto ele, dado que, raramente existe na forma pura (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 7), está sempre associado a outros conceitos, que são:

(1) O Povo: é "tanto o público central dos populistas, quanto o assunto que os populistas tentam tornar presente" (Moffitt e Tormey 2014, p.391), é uma entidade que tem de ser valorizada e promovida, pois está no foco da definição do que o populismo implica, e não apenas etimologicamente. Embora "o povo" seja uma construção que permite alguma flexibilidade, é na maioria das vezes conotado com a junção dos três seguintes significados: "o povo soberano", que sustenta a ideia democrática que o define não só como a última instância de poder político, mas também como governantes; como o "povo comum", tende a ser integrativo e divisivo, dado que não só tenta unir uma maioria indignada e silenciosa, como tenta mobilizar essa maioria contra um inimigo definido e por último, como "nação" refere-se à comunidade nacional, definida em termos cívicos ou étnicos (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 10-11). Boaventura de Sousa Santos (2018, p. 236) refere que a noção de povo pode incluir "classe, nação, identidade etno cultural, massa amorfa à espera de ser um sujeito político, princípio fundador da subjetividade política, enquanto sede do poder soberano".

(2) A Elite: O antagonismo entre o povo e a elite é tão forte e indissolúvel que é frequentemente descrito como maniqueísta (Mudde, 2004, p. 544). O povo e a elite são vistos como provenientes de dois mundos, um bom e o outro mau, onde o último tenta invadir a paz do primeiro. O populismo tem como alvo "o sistema" (o governo, as instituições, os próprios políticos), promovendo globalmente uma postura anti-establishment "contra elites que vivem em torres de marfim e só perseguem seus próprios interesses" (Jagers e Walgrave, 2007, p.4). O anti elitismo retrata a elite como um grupo corrupto homogéneo que trabalha contra a "vontade geral" do povo, toda a sua identidade simplesmente emerge na dissociação do povo, de ser o eterno "inimigo" do povo (Mudde, 2004, p. 544).

(3) Vontade Geral: Deve predominar acima das preferências da "elite", a distinção monista e moral do populismo entre o povo puro e a elite corrupta, reforça a ideia de que existe uma vontade geral⁶. Ao empregar a noção de vontade geral, muitos populistas compartilham a crítica

⁶ "Populism's monist and moral distinction between the pure people and the corrupt elite reinforces the idea that a general will exists". (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.16).

rousseauiana (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 17) de governo representativo, considerada uma forma aristocrática de poder, na qual os cidadãos são tratados como entidades passivas, mobilizados periodicamente por eleições, nas quais não fazem nada mais do que selecionar os seus representantes. Em contrapartida, apelam para a utopia republicana de Rousseau do autogoverno, ou seja, a própria ideia de que os cidadãos são capazes de fazer as leis e executá-las. Portanto, existe uma relação entre o populismo e a democracia direta e todos os mecanismos institucionais que permitam cultivar uma relação direta entre o líder populista e os eleitores, no entanto, a noção de "vontade geral" do populismo pode transparecer apoio a tendências autoritárias e ataques iliberais a qualquer identidade que ameace a homogeneidade do povo (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 18).

Embora sejam reconhecidos os méritos denotacionais na definição de populismo de Cas Mudde (2004, p.543), que concebe o populismo como uma ideologia que considera a sociedade separada em dois grupos homogêneos e antagónicos, 'o povo puro' versus 'a elite corrupta', e que argumenta que a política deve ser uma expressão do *volonté générale* (vontade geral) do povo, é importante citar as suas desvantagens para estudos comparativos.

Paris Aslanidis questionou o valor empírico e teórico da compreensão do populismo como ideologia "thin-centered", ao mesmo tempo em que reduziu o populismo ao seu componente discursivo, dado que considera que ao eliminar a cláusula ideológica na formulação de Mudde (2004), consegue uma definição puramente discursiva, "o populismo torna-se modestamente um discurso, invocando a supremacia da soberania popular para afirmar que as elites corruptas estão a defraudar "o povo" da sua autoridade política legítima" (Aslandis, 2016, p.97). Kurt Weyland argumenta que as definições ideacionais interpretam mal o significado de populismo, dado que o populismo apresenta frequentemente uma disjunção significativa entre forma e substância, estilo e estratégia, retórica e realidade. As noções ideacionais ignoram esses abismos, confiando na autorrepresentação do populismo, como um movimento do "povo" confrontando as "elites" corruptas. Este discurso sugere que o soberano popular pode e deve ter agência política, uma vez que, "o povo" finalmente toma o destino dos países nas suas próprias mãos e livra-se da dominação por elites egoístas. O populismo, assim, afirma capacitar o soberano popular (Weyland, 2017, pp.53-54).

De facto, a definição mínima de Mudde visa superar um debate interminável sobre a definição do populismo em si, também tenta diferenciar as ideias populistas de outras ideologias políticas e

distinguir entre os vários tipos de populismo (De la Torre e Mazzoleni, 2019, p.2). Ainda assim, a tentativa de reduzir as complexidades do populismo permite encontrar lacunas, em primeiro lugar, é subteorizado, porque para construir um conceito é necessário um nível específico de realidade, e neste caso, questiona-se porque é que o foco está na ideologia e não sobre o estilo de comunicação ou estratégia política. Esta questão é particularmente crucial, pois não há consenso académico de que o domínio do populismo seja uma ideologia. Kurt Weyland, por exemplo, argumenta que o domínio do populismo é a política, enquanto Pierre Ostiguy e Benjamin Moffitt se concentram no populismo enquanto performances, estilos e formas de representação (De la Torre e Mazzoleni, 2019, p.3)

Em segundo lugar, relativamente aos significados das "pessoas", rotuladas como uma entidade "pura", a maioria dos estudiosos do populismo concorda com a afirmação de Mudde de que a relação entre o "povo" e as "elites" representa uma luta antagónica, porém, subsiste discordância na alegação de que "o povo" é "puro", por exemplo, estudiosos americanos e europeus forneceram diferentes significados do "povo" que às vezes se referem a "trabalhadores" (De la Torre, 2019, p.3) ou numa posição mais ampla para o "coração" (Taggart, 2000, p.5). Para outros, por exemplo, Pierre Ostiguy (2017, p.91), a noção de Mudde sobre o povo puro descreve "construções xenófobas de direita das pessoas que "são "puras" de uma forma étnica ou pelo menos fisiologicamente reconhecível".

A terceira questão, trata da noção de ideologia de Mudde e da suposta coerência interna das reivindicações populistas (De la Torre e Mazzoleni, 2019, p.4), o populismo é definido como "um corpo de ideias normativas sobre o homem e a sociedade e como uma visão de como o mundo é e deve ser" (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.6). Como citado em Michael Freedon (2003, p.1), "ideologia é uma palavra que evoca fortes respostas emocionais" e grande parte do debate sobre a utilidade do conceito de ideologia é, ironicamente, ideológico. Mais especificamente, o populismo é uma ideologia "ténue" ou "de centro fino" e, portanto, essas ideologias não possuem o mesmo nível de refinamento intelectual e consistência que as ideologias "completas", como o socialismo ou o liberalismo (Kaltwasser, Taggart, et al, 2017, p.30), conseqüentemente, as ideologias ténues têm uma ambição e escopo mais limitados do que ideologias completas, pois não expressam "um amplo menu de soluções para grandes questões sociopolíticas" (Freedon, 2003, p.96). Por exemplo, enquanto o populismo se baseia na divisão da sociedade (entre "o povo puro" e "a elite corrupta") e oferece conselhos gerais para a melhor forma de conduzir a política (em consonância com a "vontade geral do povo"), oferece poucas visões específicas sobre questões políticas institucionais ou socioeconómicas (Kaltwasser, Taggart, et al, 2017, p.30). No entanto, contrariamente a Mudde, Freedon considera que o populismo não é uma ideologia "thin-centered", por causa da sua imprecisão e indeterminação, afirma que o

populismo pode constituir um novo género de ideologia: “amorfo, esporádico, truncado, discursivamente belicoso, inflexivelmente desdenhoso de rivais ideológicos. Cada um deles pode ser encontrado separadamente noutros contextos, mas sob o mastro do ‘populismo’ eles são combinados numa impressão digital única, mas ideologicamente insubstancial” (Freeden, 2017, p.10).

Por fim, quer o populismo seja ou não definido como uma ideologia completa, em vez de um conjunto mais solto de ideias, centrado em torno da oposição fundamental entre "o povo puro" e "a elite corrupta", é, na maioria dos casos, de importância secundária para a questão da investigação e muitas vezes impossível de determinar empiricamente. Na essência, as várias definições dentro da abordagem ideacional partilham um núcleo claro, que tanto as mantém unidas, como as distingue de outras abordagens ao populismo (Kaltwasser, Taggart, et al, 2017, p.31).

3. O conceito de democracia (I)liberal e o populismo

Assim como o populismo, a democracia é um conceito contestado no campo académico e no espaço público, os debates não dizem respeito apenas à definição correta da democracia, mas também aos diversos tipos de democracia. A democracia liberal refere-se ao entendimento dominante de democracia, é de facto uma junção de dois elementos diferentes, um democrático num sentido mais rigoroso e o outro liberal. Como sugere a sua derivação etimológica, o significado mais básico da palavra "democracia"⁷ é o poder do povo. Num mundo moderno, onde o tamanho dos Estados tornou impossível a democracia direta, outrora praticada por algumas repúblicas antigas, a eleição de representantes legislativos e outros funcionários públicos é o principal mecanismo pelo qual o povo exerce o seu governo (Plattner, 2004, p.172).

A democracia liberal impôs-se como sistema político associada ao capitalismo na esfera económica. O significado essencial ou real da democracia deriva de duas palavras gregas⁸: demos (povo) e kratos (governo). Dahl reserva o conceito de "democracia" para um sistema político ideal, que responde plenamente a todos os seus cidadãos e que não existe na realidade, por contrato, a noção de "poliarquia" denota regimes no mundo real que asseguram certos padrões mínimos, mas que ficam

⁷ Eleições livres e justas correspondem, assim, à propriedade definidora da democracia. Em vez de mudar os governantes por conflitos violentos, o povo concorda que aqueles que os governam devem ser eleitos por maioria de governo (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.80).

⁸ Note-se que o sistema político postulado pelos atenienses era tal que a cidadania democrática era exclusiva de uma classe de elite apenas de homens livres. Escravos e mulheres foram excluídos da participação.

consideravelmente aquém do modelo ideal. As poliarquias, portanto, podem ser pensadas num regime relativamente (mas de forma incompleta) democratizado, por outras palavras, as poliarquias são regimes que foram substancialmente popularizados e liberalizados, isto é, altamente inclusivos e extensivamente abertos à contestação pública (Dahl, 1971, p.8). Nesta perspetiva, a democracia faz alusão não só a um tipo particular de sistema político, mas também a um processo dinâmico e aberto que permanece sempre, este é um ponto relevante, porque muitos cidadãos podem valorizar a ordem democrática, mas ao mesmo tempo podem estar insatisfeitos com a forma como a democracia existente funciona. Dahl, Shapiro, Cheibub (2003), referem que numa democracia representativa, cada voto tem igual peso, nenhuma restrição irracional se pode aplicar a qualquer um que procura tornar-se um representante e a liberdade dos seus cidadãos elegíveis é garantida por direitos e liberdades legitimados que são tipicamente protegidos por uma constituição. Larry Diamond (2004) descreve-a como um sistema de governo com quatro elementos-chave: (1) um sistema de escolha e substituição do governo por meio de eleições livres e justas; (2) participação ativa do povo, como cidadãos, na política e na vida cívica; (3) proteção dos direitos humanos de todos os cidadãos; (4) um Estado de Direito, no qual as leis e procedimentos se aplicam igualmente a todos os cidadãos.

Aqueles que atualmente questionam a democracia são frequentemente populistas e iliberais, apesar do iliberalismo (em todas as suas formas) represente um desafio para a democracia, o populismo como tal não, contudo a retórica populista⁹ dá um impulso aos iliberais por duas razões: (1) os iliberais populistas exploram muitas vezes mal entendidos, isto é, pensam que a democracia significa que as coisas se desenvolvem da maneira que a maioria dos cidadãos quer que elas se desenvolvam; (2) assumem que querem o mesmo que a maioria dos cidadãos quer, embora, na maioria da vezes, sejam apenas falácias. As instituições democráticas só podem tomar decisões dentro de contextos financeiros, internacionais e políticos concretos (Lührmann e Hellmeier, 2020, p.12). A política deve ser "uma expressão da *volonté générale* (vontade geral) do povo" Mudde (2004, p. 544), e "os movimentos populistas falam e comportam-se como se a democracia significasse o poder do povo e apenas o poder do povo (Daí et al., 2002, p. 9). Embora não seja necessariamente antidemocrático, o populismo contemporâneo desafia os controlos e equilíbrios da democracia liberal (por ex.: direitos das minorias), como produzindo distorções da vontade do povo. Neste sentido, o populismo enquadra-se na definição de Takis Pappas (2012, pp. 2-3) de iliberalismo democrático.

⁹ Quando os líderes políticos iliberais tentam reivindicar legitimidade democrática para o seu governo, muitas vezes empregam a retórica populista para insistir que eles são os únicos representantes legítimos do "povo" e que as "elites" não são confiáveis (Lührmann e Hellmeier, 2020, p.11).

Por outro lado, a retórica populista ajuda os iliberais a distrair a atenção do risco que as suas ideias representam para a democracia, afirmam querer reformar e reforçar a "verdadeira democracia", enquanto na realidade as suas ações iliberais a destroem. Como refere Boaventura de Sousa Santos (2018, pp. 236-237), "a relação do populismo com a democracia é ambígua. Se, por um lado, a crítica da representação implica um apelo à participação (...) por outro lado, a intensificação da participação pode ter por objetivo excluir dos benefícios da democracia e da deliberação democrática grupos sociais muito significativos, sejam eles os habitantes dos países menos desenvolvidos da Europa ou os imigrantes e solicitadores de asilo político".

De forma limitada, os movimentos totalitários do século passado partilharam esta característica, pois "utilizaram e abusaram das liberdades democráticas para as abolirem" (Arendt, 1951, p.312). O populismo "é um desafio radical da política parlamentar e, portanto, uma alternativa à democracia representativa" (Urbinati, 2014, p.128). Assim sendo, o populismo é considerado um obstáculo na democracia representativa, uma vez que "não é externo a ela e compete com ela no sentido e uso da representação ou na forma de detetar, afirmar e gerenciar a vontade do povo" (Urbinati, 2014, p.135). A principal diferença entre a visão populista da democracia e os conceitos liberais da democracia está na rejeição da representação institucional e da igualdade pluralista. A visão populista da democracia pode ser ainda mais diferenciada dos conceitos deliberativos e participativos da democracia pela rejeição de uma cultura crítica e aberta de discurso, coloca a ideia de "governo pelo povo" como absoluta e rejeita todos os controlos e equilíbrios sobre a vontade popular, sem aceitar restrições à supremacia do povo, por isso, a vontade do povo é frequentemente descrita como "imaginária" (Hawkins, 2010). Em teoria, o populismo é mais negativo para a democracia em termos de contestação pública e mais positivo em termos de participação política. Por um lado, o populismo tende a limitar o âmbito da competição, porque sustenta que os atores que são retratados como "maus" não devem ser autorizados a jogar o jogo eleitoral, nem ter acesso aos meios de comunicação. (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.82). Por outro lado, o populismo tende a favorecer a participação política, uma vez, que contribui para a mobilização de grupos sociais que sentem que as suas preocupações não estão a ser consideradas pelos políticos estabelecimento. (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.83).

4. Populismo: Direita e Esquerda

O populismo de direita é conservador, define-se como uma ideologia política que rejeita a política vigente e por norma combina liberalismo *laissez-faire*¹⁰ e anti elitismo. Na sua definição de povo, refere-se a características culturais e étnicas ao aludir ao nacionalismo e à xenofobia para preservar a identidade do Estado e desafia o pluralismo. Ruth Wodak (2015), refere que os partidos populistas de direita instrumentalizam alguma minoria étnica, religiosa, linguística e/ou política como alvo para a maioria, além de interpretarem o respetivo grupo como uma ameaça “para nós” e para a “nossa” nação, sobressaindo uma política de medo. Adiciona um segundo antagonismo de “nós contra eles”, bem como, usam estrategicamente e taticamente a negatividade na comunicação política (Greven, 2016, p.1). Apoiam a “arrogância de ignorância”, no sentido em que apelam ao senso-comum básico e ao anti-intelectualismo (Wodak, 2015, p.2). A retórica populista de direita é marcada pela típica negação pelas formas específicas pelas quais os escândalos mediáticos são provocados, dominando a agenda e instrumentalizando a media tradicional e a nova, para obter sucesso imediato nos seus movimentos políticos. O foco central é a justaposição de uma classe corrupta e o povo, pelo qual o partido populista se pronuncia, adicionando o antagonismo de “nós contra eles”, com base na definição de povo, como culturalmente homogéneo. É um “voto de revolta contra as elites progressistas que insistem em ‘modernizar’ rapidamente uma sociedade que não se revê nas mudanças recentemente introduzidas e até se assusta com elas” (Galito, 2017, p.12). É neste espetro que o partido Chega é incluído.

O populismo de esquerda pode ser definido em dois sentidos: por um lado, salienta questões de justiça social, welfarismo¹¹, internacionalismo e igualdade, por outro lado, a inclusão dos desfavorecidos economicamente, a defesa das minorias, o contraste entre os imigrantes e os ataques às elites económico-financeiras (March, 2020, p.10). Pretende ampliar e aprofundar a democracia e a sua estratégia visa unir as procuras democráticas em função coletiva para construir um “nós”, um “povo” contra o adversário comum: a oligarquia (Mouffe, 2018, p.18). O ressentimento, a insegurança e o medo que norteia o populismo de direita também se aplica ao populismo de esquerda, embora as referências à identidade do povo e da elite difiram e ao contrário do populismo de direita, o populismo

¹⁰ A expressão *laissez faire* significa “deixar fazer” e representa uma das principais ideias da economia liberal. O modelo económico defende que o Estado deve garantir apenas as condições adequadas, como o direito à propriedade, o restante deve desenvolver-se de forma natural. O termo mostra os ideais defendidos pelo liberalismo, ou seja, as instituições privadas podem resolver todas as questões sem a interferência do governo e propõe a diminuição da interferência política. Assim, restringe-se também a atuação do Estado na economia.

¹¹ O conjunto de atitudes e políticas para o estabelecimento de um estado de bem-estar social.

de esquerda não sugere que a cultura e a etnia definam o povo, pois “privilegiam os fatores socioeconómicos em que consideram o povo injustiçado pela economia neoliberal e pela elite, mais propriamente os governos neoliberais e as instituições supranacionais” (Petersson, 2020, p.18). Apesar dos partidos populistas de esquerda aparentarem ser fundados em valores mais democráticos, Huber e Schimpf (2017) destacam que “não aceitam competições políticas porque eles, e somente eles, são os verdadeiros representantes do povo” (p.148). Ao estabelecer uma comparação entre os populistas de direita na Europa e os populistas de esquerda na América Latina, evidencia-se que ambos têm “pouco respeito pelas regras democráticas e promovem uma moralização da política” (O’Brien, 2005, p. 344), comprovando, deste modo, traços autoritários também no populismo de esquerda.

5. Características do Líder Populista

A principal característica do populismo é a existência de um líder que afirma ter, e, em certa medida, é capaz de cumprir a alegação de ter *uma conexão direta, não mediada, com o povo do Estado* (Barber, 2019, p.130). Além de determinar quem realmente pertence ao povo, menciona o conteúdo que as pessoas realmente querem, mostrando ter uma conexão direta com o povo, ouvindo as suas preocupações e, além disso, respondendo a essas preocupações sem ter de negociar a decisão através de estruturas constitucionais. Como analisa Müller, há ecos da concepção da democracia de Rousseau na forma como os líderes populistas se apresentam ao povo, na medida em que a vontade geral implica a participação real dos cidadãos, ou seja, o líder populista afirma que existe uma vontade geral dentro do povo e tem a capacidade de identificar e articular essa vontade geral (Müller, 2016, p.24). O líder populista, em contraste com o tirano, invoca valores democráticos para legitimar as suas decisões e a circum-navegação dos processos constitucionais na execução dessas decisões (Barber, 2019, p.131).

O líder populista é identificado como *um homem forte e carismático*, criando a *imagem de “homem de ação”*, aquele que não tem medo de tomar decisões rápidas e difíceis, mesmo que essas opiniões não se limitem aquilo que é considerado como certo por parte de especialistas. Baseado num sentido de urgência, muitas vezes criado em grande parte pelos próprios populistas, argumentam que a situação ("crise") requer "ação" ("corajosa") e "soluções de senso comum", baseando-se no anti-intelectualismo e empregando uma linguagem simplista e até vulgar, o chamado discurso *Stammtisch* (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 66). A *construção da imagem* do populista está dependente de uma ideologia, uma estratégia e um tipo de discurso, seja ele, radical, anti sistémico, generalista ou antagonista, contra a corrupção ou a favor da justiça social, envolve riscos e pressupõe algum tipo de manipulação das massas e das suas expectativas. Dissemina-se entre as camadas sociais menos

instruídas, com descrença na política ou que auferem menos rendimentos, mas não só. Assim, partindo da observação original de Paul Taggart, “o populismo pode ser pensado como a política para as pessoas comuns por líderes extraordinários que constroem perfis comuns” (Mudde & Kaltwasser, 2017, p.78).

A conceptualização do populismo foi fortemente influenciada pela teoria da *liderança carismática* proposta por Max Weber, em que o carisma, que significa literalmente “dom da graça”, é usado por Weber para caracterizar líderes automeados que são seguidos por aqueles que estão em perigo e que precisam seguir o líder, porque acreditam que ele seja extraordinariamente qualificado. Os fundadores das religiões mundiais e dos profetas, bem como, heróis militares e políticos são os arquétipos do líder carismático: milagres e revelações, feitos heroicos de valor e sucesso desconcertante, são marcas características de sua estatura. O fracasso é a ruína deles” (Gerth, Mills & Turner, 2009, p.52). Porém, nem sempre foi explicitamente reconhecida. O recurso constante aos termos “popular” e “forte” são frequentemente usados para adquirir carisma¹² e assim elucidar a *popularidade de um líder populista*, “líderes populares são descritos como “fortes” por causa de sua popularidade, enquanto líderes impopulares são retratados como “fracos”, por causa da sua falta de popularidade” (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 66). Os efeitos internos da liderança carismática, têm “carisma coterie”¹³, que une um núcleo interno de pessoas a um líder específico, possibilitando o líder “carismático” ultrapassar as adversidades internas dentro de um movimento mais amplo. O carisma é um conceito proveitoso de análise se for reconfigurado para definir: 1) “coterie charisma”, isto é, o apelo do líder para um núcleo interno; 2) “centripetal charisma”, a capacidade que os líderes têm para conquistar apoio, tornando-se a personalização da política e por último, 3) “charisma cultic”, que se baseia na criação de um sentimento religioso em redor do líder (Costa Pinto, Eatwell e Larsen, 2006, p.19).

O líder populista apresenta-se *como a voz do povo*, e, portanto, da mesma forma que “o povo” e “a elite” são construções fundamentadas numa interpretação adulterada da realidade, o *vox populi* é uma construção do líder populista que consiste em dois processos distintos, embora interligados: a “separação da elite” e a “conexão com as pessoas” (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 68), enquanto o primeiro processo está relacionado com o estatuto de outsider-status dos líderes populistas, o

¹² O termo 'carisma' foi introduzido no vocabulário académico moderno por Max Weber para se referir a uma forma de liderança excepcional. A abordagem pode, sem dúvida, oferecer grandes perspetivas sobre a relação da liderança com a sociedade e a tomada de decisões.

¹³ Deve ser considerado carismático coterie: os seguidores que reconhecem o líder como tendo uma missão e/ou possuem poderes únicos, bem como, os seguidores aceitam a autoridade do líder incondicionalmente (Mcdonnel, 2015, p.4).

segundo processo está ligado à sua autenticidade. Os líderes populistas têm de convencer os seus apoiantes de que não pertencem à elite (corrupta) e se reveem como o “povo”, ou seja, assumem uma vertente camaleónica que lhes permite adaptar-se consoante o momento e as questões que têm pela frente, para além da capacidade que têm de saber interpretar as ansiedades do eleitorado de forma a conseguirem dar a melhor resposta e fazer frente face aos restantes líderes da oposição. Cas Mudde e Cristobal Kaltwasser (2017, (pp.68-73) referem como os líderes populistas se intitulam como as “vozes do povo” recorrendo, por exemplo, ao género (mulher), profissão (empresário) e etnia.

Os discursos¹⁴ utilizados pelos populistas são frequentemente descritos com uma *retórica* mais agressiva, ofensiva e alimentada pela ansiedade do que os não-populistas (Nai, 2018, p.1). Envolve um discurso contraditório, emocional, patriótico e abrasivo, através do qual se conectam com os descontentes do sistema, muitas vezes, através de bases, práticas e espaços comunicativos orientados à comunidade, recorrem a variados canais de comunicação política para transmitir as suas mensagens e conectarem-se com o “povo” (Block & Negrine, 2017, p.182). Referem-se ao povo e justificam as suas ações apelando e identificando-se com as pessoas; está enraizado em sentimentos anti elite; e consideram as pessoas como um grupo monolítico sem diferenças internas, exceto para algumas categorias específicas que são excluídas (Jagers & Walgrave, 2007, p.5). A narrativa ‘*Drunken dinner guest*’ (Arditi, 2007, citado em Nai & Coma, 2019, p. 1342), considera que os populistas introduzem um tom mais negativo e endurecido no debate, demonstrando um estilo de política “low” (Ostiguy, 2017), que tem por base uma certa agressividade com recurso a ironias, sarcasmos e até ataques pessoais. Já a narrativa “*Agent provocateur*” (agente provocador), apresenta os populistas como tendo um estilo político que “ênfatiza agitação, atos espetaculares, exageros, provocações calculadas e a intenção de tabus políticos e socioculturais” (Heinisch, 2003, p. 94).

O *antiestablishment* é uma característica que demonstra efetivamente a divisão entre o povo e a elite a nível económico, nesta relação antagónica o povo é construído como uma maioria da classe trabalhadora e a elite é considerada rica, e, portanto, o “povo” opõe-se às elites “ricas”, que bloqueiam o acesso dos cidadãos da classe trabalhadora aos recursos económicos e dificultam uma distribuição igualitária da riqueza (Hameleers, 2018, p.2177). A mensagem anti-establishment dos populistas acusa a elite política de incompetência, insubordinação e aproveitamento às custas do povo comum. (Bakker et al., 2020, p.4).

¹⁴ A agenda dos discursos populistas centra-se no desejo das pessoas comuns de reconstruir a realidade e reproduzir uma nova, que se baseia na ideologia de massa. Assim, os discursos populistas discursivamente incluem quadros que iniciam a relação “nós” e “eles” (Al-Ramahi & Ab Rashid, 2019, p.431).

O líder populista assume uma postura de *exclusão*, uma outra alternativa à divisão entre “nós” e “eles”. Por um lado, o grupo pode ser o povo nativo puro, cujas tradições e cultura são superiores às do grupo que não se inclui nestas características, aqui “o povo” refere-se à comunidade imaginada do coração, um grupo homogêneo que compartilha as mesmas normas e valores (Taggart, 2000). As culturas e tradições do grupo de fora são inferiores, são vistas como uma comunidade que polui a pureza do grupo privilegiado, e neste caso, se eles são incapazes ou não estão dispostos a adaptar-se à cultura do povo, eles não devem ter acesso ao coração. Por outro lado, a relação antagónica capturada pelo populista, constrói a fronteira entre o povo e o outro com base no acesso aos recursos considerados injustos, como por exemplo empregos, subsídios de desemprego, segurança social, entre outros (de Koster et al., 2013; Elchardus & Spruyt, 2016; Oesch, 2008, citado em Hameleers, 2018), que implica a percepção de que o “grupo de dentro” é naturalmente privilegiado e deve, portanto, ter mais acesso aos recursos socioeconómicos do que os outros, o “grupo de fora”, diante esta lógica de exclusão, é por causa deste grupo que o país enfrenta crises (Hameleers, 2018, p.2178).

Mudde e Kaltwasser (2017, p.74) distinguem três tipos de populistas: *outsiders*, *insider-outsiders* e *os insiders*. Os considerados “outsiders” são raros, pois não têm ligações culturais ou económicas estabelecidas com a elite e constroem a sua carreira fora do habitual político. Os “insider-outsiders” são geralmente bem-sucedidos, são pessoas que nunca pertenceram à elite política, porém, têm fortes ligações com a classe política. Por último, existe um grupo pequeno de “insiders”, populistas que conhecem bem a elite política, dado que na maior parte das vezes já ocuparam cargos em partidos tradicionais antes de (re)iniciarem uma segunda carreira, desta vez, como político populista. Aqui enquadra-se André Ventura, líder do partido Chega como “insider”, dado que antes de fundar o Chega foi membro do PSD. As fronteiras entre o estatuto de “insider” e “outsider” ficam distorcidas quando os líderes populistas são eleitos e permanecem no poder por um longo período, tornando-se parte do estabelecimento político e também económico. Da mesma forma, as fronteiras entre político populista e político não populista são confusas, porque muitas vezes os políticos não populistas assumem uma retórica populista num determinado momento da sua carreira (por exemplo, eleições), porém, nem esses políticos, nem os seus partidos são verdadeiramente populistas, uma vez, que o populismo nem é uma característica central da sua ideologia, apenas pretendem diferenciar-se dos políticos ditos tradicionais de forma a parecerem autênticos, muitas vezes elaboram um discurso populista apenas nas campanhas eleitorais, ignorando-o posteriormente no seu governo (Mudde e Kaltwasser, 2017, p.76).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Após o enquadramento teórico da presente investigação, o método que melhor permite compreender o fenómeno que se delimitou ao estudo e a posicioná-lo no campo científico é o método indutivo, dado que parte de análises singulares e a partir destas, indutivamente, chega a conclusões plurais, isto é, o método indutivo baseia-se no raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui uma verdade geral. O método indutivo defende que na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo, se possa elaborar uma teoria, pois o raciocínio indutivo faz-se do particular para o geral (Freixo, 2009, pp. 95-96). Sobre a pesquisa indutiva, Lakatos e Marconi (2007, p.86) esclarecem que a indução é parte de um processo mental em que a partir de dados particulares e suficientemente constatados “infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões, cujo conteúdo é mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam”. Contrariamente ao método dedutivo, o método indutivo parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares (Gil, 2008, p.10). É importante reconhecer o método indutivo na constituição das ciências sociais, dado que surgiu para que os estudiosos da sociedade abandonassem a postura especulativa e se inclinassem a adotar a observação, como procedimento indispensável para atingir o conhecimento científico (Prodanov & Freitas, 2013, p.29).

A investigação propõe analisar o discurso e as publicações na rede social Twitter do líder do partido Chega, André Ventura, no decorrer das eleições presidenciais de 2021, de modo a verificar se o seu discurso adota contornos populistas e uma vez definido e delimitado o próximo passo é desenvolver o estudo, para retratar a sua complexidade e focar o problema no seu aspeto total. Para aprofundar o estudo, a pesquisa será fundamentada na análise de discurso que se refere a uma:

“reflexão sobre as condições de produção e apreensão dos significados de textos produzidos em diferentes campos, como, por exemplo, o religioso, o filosófico, o jurídico e o sociopolítico. Os pressupostos básicos desta análise podem ser resumidos em dois: (1) o sentido de uma palavra ou de uma expressão não existe em si mesmo, ao contrário, expressa posições ideológicas em jogo no processo sócio histórico no qual as relações são produzidas; (2) toda a formação discursiva dissimula, pela

pretensão de transparência e dependência, formações ideológicas” (Gerhardt & Silveira, 2009, p.85).

É uma das técnicas de pesquisa qualitativa que propicia o surgimento de teorias que almejam uma análise mais eficiente das alocações declaradas por André Ventura, sustentada na observação, descrição, interpretação e apreciação do meio e do fenómeno tal como se apresenta, sem controlá-lo.

O paradigma da investigação qualitativa reivindica que uma grande variedade de questões corresponda particularmente bem à complexidade do mundo real, de modo a adquirir resultados fiáveis para as questões em análise, permite alcançar uma compreensão da realidade social e, assim, ser capaz de desenvolver teorias relevantes de médio alcance sobre um fenómeno social particular. O ganho essencial de fiabilidade na investigação qualitativa é expresso de forma convincente por Denzin e Lincoln (2000, p.3). A motivação para fazer pesquisas qualitativas, em oposição à pesquisa quantitativa, vem da observação de que, se há uma coisa que distingue os seres humanos do mundo natural, é a capacidade de falar, os métodos de pesquisa qualitativos são projetados para ajudar os pesquisadores a entender as pessoas, os contextos sociais e culturais em que vivem (Bolderston & Palmer, 2006, p.16). A pesquisa qualitativa inclui: a interpretação como foco, dado que existe interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; a subjetividade é enfatizada, porque a análise de interesse é a perspectiva dos informadores; tem flexibilidade na conduta do estudo, uma vez, que não existe uma definição concreta e o caso de estudo da investigação é (ainda) recente na área da ciência política; o interesse é no processo e não no resultado, uma orientação que objetiva entender a situação em análise; o contexto está intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e por fim, o reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação (Oliveira, 2008, p.14).

1. O programa MaxQDA

A investigação teve por base a análise qualitativa através do software MaxQDA, dado que “é o pacote de software ideal para o gerenciamento eficaz e avaliação sistemática de textos, documentos e todos os tipos de dados da media” (MaxQDA, 2020, p.3), a escolha desta ferramenta advém da necessidade de se proceder à interpretação das mensagens, mediante análise categorial e da interpretação dos relatórios criados, uma vez que é eficiente em tempo, transparente, capaz de capturar dados quantitativos e qualitativos e acomodar grande quantidade de dados.

A sua estrutura consiste em quatro janelas que facilita a utilização do MaxQDA: uma que fornece os dados de cada projeto, os textos e grupos de textos (sistema de documentos); outra que fornece a estrutura dos códigos e categorias (código do sistema); uma para edição e consulta de textos (navegador de documentos), e por fim, outra para a realização de pesquisas e verificações relativas ao material codificado denominada de segmentos recuperados (MaxQDA, 2020, p.7). Permite apoiar a pesquisa em todas as fases da investigação, pois uma “característica central do software é a opção de trabalhar com códigos (categorias) e atribuir códigos a partes selecionadas dos dados analisados - sejam palavras ou partes de um texto, seções de uma imagem ou cenas num vídeo. Desta forma, o software também pode servir para apoiar análises puramente hermenêuticas, permitindo pesquisas rápidas por palavras e combinações de palavras, bem como, a exibição de referências no contexto.” (Rädiker e Kuckartz, 2019, p.4).

A criação de códigos¹⁵ e categorias no MaxQDA é controlada pelo utilizador, que pode criar códigos antes, durante ou depois do material ser analisado. Os códigos são apresentados numa estrutura hierárquica, semelhante a árvores, que permite a indexação de vários níveis de códigos. Todo o sistema de códigos pode ser eliminado, editado e reclassificado, sem a perda de qualquer conteúdo previamente examinado pelo utilizador (Oliveira, Bitencourt, et al., 2016, p. 76). Efetivamente, os códigos são a ferramenta de análise mais importante, dado que podem ser atribuídos a qualquer coisa que seja considerado importante para a análise, como por exemplo, segmentos de texto, seções numa fotografia ou partes de um vídeo (MaxQDA, 2020, p.9).

Entre as vantagens encontradas na utilização do software MaxQDA de análise qualitativa de dados, destacam-se: a incorporação de novos textos no software, para que a codificação possa começar antes de todo o material ter sido recolhido; a organização e armazenamento do material empírico, permitindo o cruzamento de referências que seria difícil de realizar manualmente; a criação de memorandos, permitindo o registo dos conhecimentos obtidos no processo de codificação, que também servem para a troca de ideias entre diferentes investigadores; a utilização de níveis hierárquicos, permitindo a associação de códigos em categorias (Oliveira, Bitencourt, et al., 2016, p. 80). Apesar das contribuições destacadas acima, a utilização do software, também possui desvantagens, tais como: a necessidade de aprender a utilizar o software, para além do custo de

¹⁵ Os códigos podem ser associados ao texto selecionado de várias maneiras: (1) alguma parte do texto é indexada a um código existente; (2) um novo código é criado e associado a uma parte do texto; (3) um tema é procurado num texto e as partes relativas a esse tema são automaticamente codificadas. (Oliveira, Bitencourt, et al., 2016, p. 77).

aquisição. Dolan e Ayland (2001) argumentam que o uso de software só é interessante quando existe um grande volume de dados. No entanto, atualmente os programas informáticos são mais fáceis de utilizar (Oliveira, Bitencourt, et al., 2016, p. 80). Entre os utilizadores, uma queixa comum é que o CAQDAS¹⁶ é apenas uma ferramenta para ajudar o investigador em todos os processos, mas não faz o pensamento de criar realmente nós, identificar relações ou escrever relatórios (Bucatariu, 2015, p.3), verifica-se também menos utilizadores, menos apoio ao utilizador e a sua utilização é complexa para trabalhar em equipa.

2. Materiais discursivos utilizados e a rede social Twitter

A análise do discurso refere-se a uma ampla gama de abordagens baseadas na linguagem, define-se como "a redução sistemática do conteúdo, analisada com especial atenção ao contexto em que foi criado, para identificar temas e extrair interpretações significativas dos dados" (Roller & Lavrakas, 2015, citado em Roller, 2019, p.2). Os materiais de análise foram os seguintes:

- **Debates** realizados em tempo de antena nos canais televisivos¹⁷ para o efeito, desde o dia 2 a 9 de janeiro de 2021, com duração de 30 minutos cada: (1) João Ferreira - André Ventura (TVI24, 2 de janeiro); (2) Vitorino Silva - André Ventura (RTP3, 4 de janeiro); (3) André Ventura - Tiago Mayan (SIC-Notícias, 5 de janeiro); (4) Marcelo Rebelo de Sousa - André Ventura (SIC, 6 de janeiro); (5) Marisa Matias - André Ventura (SIC, 7 de janeiro); (6) Ana Gomes - André Ventura (TVI, 8 de janeiro);
- **Entrevistas** dadas por Ventura durante o período da campanha eleitoral nos seguintes meios de comunicação: (1) TVI, com Manuel Luís Goucha (08.01); (2) Antena 1, com Natália Ribeiro (12.01); (3) CMTV, com Octávio Ribeiro (13.01); (4) Porto Canal, com Tiago Girão (19.01) e (5) Conversas Improváveis com Francisco Mendes da Silva (20.01);
- A **Campanha Eleitoral** de 10 a 22 de janeiro;
- O **Discurso de André Ventura** na sede de campanha, após conhecer os resultados eleitorais (24 de janeiro, com duração de cerca de 15 minutos).

Por sua vez, as redes sociais são por si só, tecnologias bastante afetivas, promovendo uma comunicação emocionalmente carregada e facilitando os meios pelos quais os indivíduos se podem

¹⁶ Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software.

¹⁷ RTP1; SIC; SIC – Notícias; TVI; TVI 24.

sentir envolvidos com a sua "tribo moral", isolando-se de outros discursos ou narrativas (Maldonado, 2017, p.1). O grande sucesso político das redes sociais passa, indubitavelmente pelo uso do Twitter. Desta forma, a investigação também teve por base a recolha de dados através do **Twitter** de André Ventura (@andrecventura)¹⁸ durante os dias 2 a 25 de janeiro de 2021, que possibilitou acompanhar as suas publicações durante o período de **debates presidenciais, entrevistas, campanha eleitoral e a reação aos resultados eleitorais**, totalizando ao todo 91 tweets. O Twitter é barato e fácil de usar, pois não requer conhecimento técnico especializado (Jacobs & Spierings, 2016, p. 21), permite uma comunicação não mediada (Klinger e Svensson, 2015, p. 1248), enquanto nos media tradicional, os jornalistas ignoram e/ou filtram, editam e enquadram conteúdo; facilita os políticos (populistas) a "ouvir a voz do povo" (Katz, Barris, & Jain, 2013, p. 13), para além de ser caracterizado pela velocidade e pela facilidade de abrir uma conta, enviar e ler tweets (Jacobs & Spierings, 2016, p. 22), uma vez que, as mensagens se podem tornar virais em poucos minutos, potencialmente desencadeando efeitos de repercussão para os media tradicional. A transformação da esfera pública na era digital mudou a forma como os atores políticos e os cidadãos se relacionam uns com os outros e, conseqüentemente, as práticas discursivas e não discursivas escolhidas pelos primeiros, incluindo uma comunicação mais direta entre os líderes populistas e a sua base, a criação de canais que secundarizam os dos principais meios de comunicação social, bem como, a emergência da "pós-verdade", como um quadro que dá um novo valor às narrativas, com transmissores de valores políticos que perturbam as convenções sociais estabelecidas (Maldonado, 2017, p.1).

3. Categorias: construção e justificação

O processo para conduzir uma análise de discurso qualitativo é delimitado por algumas regras e é constituído por fases: primeiro, foi necessária uma preparação dos dados, isto é, transformar os dados (discursos e tweets) em texto escrito de modo a permitir uma melhor interpretação, para criar categorias (palavras/conceitos) relacionadas com características populistas que possibilitassem efetivamente retirar conclusões, cuja profundidade visou evidenciar todo um procedimento metodológico sistematizado, no intuito de fazer emergir um trabalho que representasse o tema escolhido. Os vídeos, por norma, não necessitam de transcrição, uma vez que podem ser analisados pelo programa MaxQDA, todavia, sempre que necessário são transcritos para facilitar a compreensão do áudio. Na etapa seguinte, realizou-se uma análise de dados primários e definiu-se uma unidade de análise, que podia ser uma palavra ou um tema. Logo a seguir ocorreu a categorização, que se encontra

¹⁸ <https://twitter.com/AndreCVentura>

no centro da análise de conteúdo qualitativo (Schilling, 2006, p.30). Estas categorias devem refletir o propósito da pesquisa, devem ser conceitual e empiricamente fundamentadas (Elo & Kyngäs, 2008, p.112). De seguida, os temas foram codificados, onde os códigos ofereciam respostas provisórias sobre as categorias e os seus relacionamentos (Teixeira & Becker, 2001, p.97). Depois da codificação, foi efetuada uma avaliação da consistência da codificação, revendo todo o processo de codificação. A última etapa do processo foi a análise e a interpretação, onde se extraíram conclusões a partir dos dados codificados (Schilling, 2006, p.34).

A codificação é o processo de selecionar parte de um dado, como, por exemplo, um parágrafo ou uma parte de uma imagem, e atribuir um código correspondente. Isso, é basicamente o mesmo que realizar a marcação de conteúdo - mas codificação na pesquisa empírica inclui muito mais do que isso (MaxQDA, 2020, p.21). A investigação teve por base a associação de atributos que permitam integrar o discurso de André Ventura na abordagem ideacional, teorizada por Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser. Esta abordagem vê o populismo, como uma ideologia “estreita”, assente na divisão entre povo e elite, com três características: antissistema, nativismo/nacionalismo e autoritarismo (Mudde & Kaltwasser 2017).

As categorias constituem as ideias-chave de classificação contidas nas hipóteses ou objetivos. Para uma análise mais precisa dos padrões e tensões no discurso de André Ventura, propõe-se 4 categorias. Em primeiro lugar, a dicotomia **Povo/Elite**, uma vez que “a maioria das definições de populismo têm, pelo menos, dois pontos em comum: “the elite” e “the people” (Cas Mudde, 2004, p. 543).

Em segundo lugar, a categoria **Antissistema**. Para a abordagem ideacional, é uma das principais características do populismo. Aqui, optou-se por incluir na análise várias subcategorias que possam revelar a natureza antissistema do populismo de André Ventura. A primeira subcategoria é **IV República**, que se refere a uma nova ordem que Ventura pretende criar. Da mesma forma, e associada à subcategoria anterior, a segunda subcategoria é o **Presidencialismo**, contendo uma outra referente à campanha eleitoral. Uma terceira subcategoria é constituída pelas **Expressões Belicistas** (como luta, batalha, força e esmagamentos), porquanto André Ventura adota um tom salvífico e assume-se como o escolhido de Deus e do seu eleitorado). Uma quarta subcategoria refere-se à **Comunicação Social**, que André Ventura acusa de ser aliada do sistema e, portanto, sua inimiga. A quinta subcategoria refere-se aos **Ataques aos Partidos e Candidatos**. Uma sexta subcategoria alude ao **Discurso de**

Confiança e Vitória, que ele demonstrou ao longo de toda a campanha eleitoral. Da mesma forma, uma sétima subcategoria é relativamente ao **Discurso de Vitimização e Ironia**, que se diz ser alvo por parte dos “inimigos”. Por fim, a última subcategoria tem por base as propostas e medidas do **Chega**, a inclusão do elemento religioso e as referências ao fascismo.

A terceira categoria selecionada é o **Nacionalismo**, um outro aspeto apontado por Cas Mudde e Cristóbal Kaltwasser, como característica do populismo, porque quando o populismo e o nacionalismo se aproximam, “a distinção entre as pessoas e a elite assume uma dimensão moral e étnica” (Mudde & Kaltwasser, 2017, p. 14). Como subcategorias, propõe-se as seguintes: **Minorias Étnicas** (ciganos e comunidade LGBTI); **Imigrações** (Europa e Refugiados); **Xenofobia, Racismo e Sexismo**. De facto, o populismo privilegia a compreensão orgânica do “povo”, como uma totalidade etnicamente ou culturalmente homogénea, uma totalidade ameaçada pela “dissolução da sua identidade”. Estas ameaças são enfrentadas através da exclusão de “grupos mais fracos” (Gagnon, Beausoleil et al, 2018, p.10). A categoria Nacionalismo, juntamente com as subcategorias selecionadas, permite colocar o Chega, como um partido associado a uma ideologia de extrema-direita.

A quarta categoria é o **Autoritarismo**, uma outra característica apontada pela abordagem de Mudde e Kaltwasser, que enfatizam que o populismo também tem um aspeto perverso, seja qual for a sua manifestação: o núcleo monista do populismo, e especialmente a sua noção de “vontade geral”, pode levar ao apoio de tendências autoritárias, porque o populismo implica que a vontade geral não seja apenas transparente, mas também absoluta, que pode legitimar o autoritarismo e os ataques iliberais a qualquer elemento que (supostamente) ameace a homogeneidade do povo (Mudde & Kaltwasser, 2017, p.18). Esta característica tem por base que a sociedade deve ser administrada e ordenada de forma rígida, apoia líderes transgressivos de “homens fortes” que estão “dispostos a expressar opiniões politicamente incorretas” desde que tal defenda “valores e crenças tradicionais” (Gagnon, Beausoleil et al, 2018, p.10). Como subcategorias, propõe-se, em primeiro lugar, **Polícia**. Em segundo lugar, **Segurança**. Uma terceira subcategoria é **Democracia**, uma vez que, “o populismo é essencialmente democrático, mas em desacordo com a democracia liberal, o modelo dominante no mundo contemporâneo. De facto, o populismo sustenta que nada deve restringir “a vontade do povo (puro)” e rejeita fundamentalmente as noções de pluralismo e, portanto, os direitos das minorias, bem como, as “garantias institucionais” que devem protegê-los (Mudde & Kaltwasser, 2017, p.81). A escolha destas subcategorias procura evidenciar que não só o discurso enquanto tal - juntamente com os seus elementos-chave como temas, argumentos e meios de apoio - mudou, mas também contribuiu para uma mudança mais profunda das normas de expressão pública, enfatizando o desenvolvimento

de novas normas em que as visões radicais e antidemocráticas são amplamente utilizadas, sendo estrategicamente "vestidas" em temas, argumentos e declarações quase politicamente corretos e aceitáveis (Krzyżanowski, 2020, p. 509).

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta secção apresenta os resultados da análise de conteúdo ao discurso de André Ventura. Primeiramente, serão apresentados os resultados da análise de conteúdo, os quais foram possíveis obter através do programa MAXQDA - são apresentados os resultados referentes aos debates presidenciais, as entrevistas durante o período eleitoral, a campanha eleitoral, o Twitter e o discurso de André Ventura após conhecer os resultados presidenciais, para posteriormente, numa perspetiva comparada, introduzir a discussão de resultados na última parte deste capítulo.

1. Resultados

A análise dos dados recolhidos permite identificar o grau de populismo presente em cada discurso e identificar os atributos populistas a que André Ventura mais recorre. É feita uma análise descritiva dos resultados com base em **quatro categorias** criadas no programa MaxQDA: **Povo-Elite**, **Antissistema**, **Nacionalismo** e **Autoritarismo**, totalizando 2000 codificações. Será através destas categorias que se chegará às conclusões, para em seguida serem obtidas as respostas às questões anteriormente colocadas. Assim, espera-se responder à pergunta de partida: **“Quais as características populistas dos discursos de André Ventura durante a campanha para as eleições presidenciais de 2021?”** e aos **objetivos específicos** propostos.

1.1. Debates Presidenciais

Em períodos eleitorais, verifica-se que o campo político fica mais subordinado ao campo dos media, uma inversão da relação que acontece habitualmente, isto deve-se ao fato de os atores políticos saberem que grande parte dos ganhos de intenção de votos depende, na maioria das vezes, dos órgãos de comunicação social, pois este tipo de instituições têm a capacidade de mobilizar a população, desempenhando uma função crucial no desenrolar das campanhas eleitorais, contudo, os meios de comunicação têm uma importância fundamental, mas não são suficientes para vencer uma eleição (Silva, 2013, p.14).

A matriz de códigos obtida através do programa MaxQDA permitiu verificar que André Ventura em todos os debates assumiu uma postura de divisão entre povo e elite, uma ferramenta retórica que homogeneiza e separa o "povo puro" da "elite corrupta", capitalizando o sentimento antissistema

(Mudde, 2019), para semear a desconfiança, não só nos partidos e políticos, mas também no sistema de governo como um todo, entre os "portugueses de bem", os estrangeiros, grupos étnicos, e em particular, a etnia cigana, ilustrando o populismo de direita que tem vindo a crescer na Europa nos últimos anos, confirmando o seu posicionamento antissistema. Assume uma postura negativa face aos seus oponentes, optando por ataca-los verbalmente (no seu programa, valores, propostas políticas, registo, carácter) em vez de defender os seus próprios pontos fortes e ideias (Lau e Pomper 2004; Geer 2006 et al., citado em Nai, 2018, p.5). Os resultados desta dissertação demonstram que Ventura capitalizou o sentimento difuso anti elite, que é generalizado entre os portugueses, exprimindo que as atitudes populistas estavam apenas à espera de serem ativadas (Magalhães 2019, citado em Mendes, p.18). Além disso, há questões adicionais que podem alimentar um partido populista com potencial de serem mobilizadas com sucesso, sendo a corrupção a mais óbvia, entre outras que veremos ao longo desta análise.

Ventura assumiu-se como a voz silenciosa por parte da população, ao dizer aquilo que as pessoas refletem, mas têm vergonha de verbalizar. Afirmou-se no sistema partidário português mostrando algumas características específicas em comparação a fenómenos semelhantes noutros países europeus, que combinam discursos nativistas, que se opõem à imigração e à integração, e encorajam atitudes antissistema e anti estabelecimento (Bos & Van der Brug, 2010; Ignazi, 2017; Wodak & KhosraviNik, 2013). Procuram preservar o status quo, perseguindo o ideal de uma nação homogénea e oposta à globalização e à migração em massa (Pelinka, 2013). Do mesmo modo, acusam determinados grupos sociais de serem "estrangeiros" (quer sejam ou não migrantes) e responsabilizam-nos pelos acontecimentos negativos que acontecem no país, ao mesmo tempo que definem e defendem a existência de uma identidade nacional única (Pelinka, 2013, p.16). Quanto aos candidatos presidenciais rivais, Ventura tratou-os de forma diferente, eram principalmente individualizados, mas por vezes ele referia-os mencionando o seu respetivo partido político ou incluía-os como "os candidatos aliados ao governo".

Lista de Códigos	André Ventura e João Ferreira	André Ventura e Vitorino Silva	André Ventura e Tiago Mayan	André Ventura e Marcelo Rebelo de Sousa	André Ventura e Marisa Matias	André Ventura e Ana Gomes
Povo - Elite						
Antissistema						
IV República						
Presidencialismo						
Campanha Presidencial Eleições						
Expressões Belicistas						
Comunicação Social/Redes Sociais						
Ataque aos Partidos e Candidatos						
Discurso de Confiança/Vitória						
Discurso de Vitimização/Ironia						
CHEGA						
Propostas/Medidas de André Ve						
Inclusão do elemento religioso						
Referências ao nazismo e fascis						
Nacionalismo						
Minorias						
Ciganos						
Comunidade LGBTI						
Imigrantes						
Europa						
Refugiados						
Xenofobia						
Racismo						
Sexismo						
Autoritarismo						
Polícia						
Segurança						
Democracia						

Figura 1. Matriz de Códigos dos Debates Presidenciais 2021

No debate com João Ferreira, candidato pelo PCP, destacam-se duas categorias: **Antissistema** e **Povo e Elite**, sobressaindo a subcategoria: **Ataque aos Partidos e Candidatos**. André Ventura assumiu um tom agressivo logo desde o início, referindo que o adversário estava com o governo “Oh, João você faz tudo para defender o governo”, sobre a eutanásia votou contra e convocaria um referendo “porque acho que os portugueses devem ser ouvidos sobre esta matéria”, mencionando que pretende a redução de deputados. Estas afirmações, inserem-se no âmbito das duas primeiras categorias. Quanto à terceira, ela manifesta-se, por exemplo, quando acusou João Ferreira de ter no seu site de candidatura referências a regimes como a Coreia do Norte, Cuba ou Vietname: “Lenine é uma referência inspiradora – o homem que mandou para campos de concentração milhões de pessoas, diga lá que é mentira. Diga lá que é mentira”. João Ferreira e o PCP foram assinalados como um grupo de mentirosos e rudes, pessoas que não têm argumentos políticos reais e nada mais são do que uma vergonha para Portugal.

No debate com Vitorino Silva, candidato pelo RIR, não houve nenhuma categoria que efetivamente se destacasse. Ventura utilizou este debate para expor o seu cariz antissistema: “é a primeira vez que em democracia, um partido no Parlamento diz que é contra esta Constituição e contra este regime”; “o Chega será fundamental ou para um governo ou será capaz de eleger o Presidente da República e isso levará à transformação do regime”. Como exemplo da polarização povo-elite, acusou Ana Gomes e Marcelo Rebelo de Sousa de só se preocuparem com as elites: “de facto há candidatos que representam as elites e temos nestas eleições alguns (...) desde o candidato Marcelo Rebelo de Sousa à candidata Ana Gomes, há candidatos que não representam o povo”.

No debate com Tiago Mayan Gonçalves, candidato da IL, destacaram-se as categorias **Antissistema, Povo e Elite** e a subcategoria **Ataque aos Partidos e Candidatos**. Como exemplo da primeira, Ventura mencionou “que está a fazer diferença, porque não temos medo de ser politicamente incorretos e não temos medo de falar de minorias, de RSI, de impostos, de progressividade do IRS” e que pretende acabar com “esta bandalheira de pessoas que vivem à conta de quem trabalha”. Referiu ser “o primeiro candidato na história da República a dizer: não vou ser presidente todos os portugueses”. No ataque que fez a Tiago Mayan Gonçalves, definindo a IL como um falso partido de direita – “isso não é ser de direita, isso, é ser um travesti de direita, que é pensar, fingir que é de direita quando na verdade não é” – adicionou elementos nacionalistas, uma das características que Mudde aponta para o populismo: “os coitadinhos das minorias, eles são muito fragilizados, nós temos que estar ao lado delas, dos coitadinhos, porque temos que os apoiar e os imigrantes e as minorias e a justiça”. Esta característica tem por base a relação antagónica entre as pessoas, como dentro do grupo e diferentes formas de oposição fora do grupo e que no discurso de Ventura destacou-se pelo divisor social padronizado pela ação populista – dos “portugueses de bem” contra os “outros”, expressando que quer ser “a alma portuguesa e quero reconstruí-la e quero fazer dela e deste país, um grande país na Europa”, cujo objetivo é que ninguém tenha de emigrar para ter melhores condições. Assume-se aqui como defensor do povo e das suas aspirações.

No debate com Marcelo Rebelo de Sousa, destacaram-se as categorias **Antissistema e Povo e Elite**. Atribuo esta saliência ao fato de o Presidente da República, enquanto chefe de Estado, personificar o sistema e as elites políticas. Ventura apresentou o seu adversário, como um aliado do Primeiro Ministro e o protetor do “sistema de esquerda”, descreveu-o como uma pessoa desonesta, alguém que não sabe governar, manipulado pelo governo e cujas más decisões têm destruído o país. Além disso, exibiu uma fotografia, de modo a apresentá-lo como alguém próximo daqueles que não fazem parte dos “portugueses de bem”, “juntou-se com bandidos, um deles é um bandido verdadeiramente, que tinham atacado uma esquadra policial e quando o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa foi ao Bairro da Jamaica foi visitar os bandidos, não foi visitar as polícias”. Manifestou que não queria um segundo mandato para o candidato, porque o regime precisa de “uma rutura, o que temos visto em Portugal é grave demais”.

No debate com Marisa Matias, candidata apoiada pelo BE, as categorias mais evidentes são **Antissistema e Povo e Elite**, destacando-se a subcategoria **Ataque aos Partidos e Candidatos**. Como exemplo desta subcategoria, André Ventura considerou que “você e o seu partido são os maiores trocintas da história da democracia em Portugal”, defendem “coisas inarráveis”, “um partido que diz que

tudo o que é privado é para destruir, tudo o que é privado é mau”, que está “sistematicamente contra as famílias, contra as empresas, contra os negócios”. Ventura atacou o elitismo de Marisa Matias, enquanto “insanidade antidemocrática”, porque não daria posse a um governo do Chega, desvaliando dessa forma o seu eleitorado: “há aqui uns eleitores que não contam para o jogo democrático e que o Chega tem que estar arredado disto tudo”.

O último debate foi com a candidata Ana Gomes, onde sobressaíram as categorias: **Antissistema e Povo e Elite** e a subcategoria **Ataque aos Partidos e Candidatos**. De fato, Ventura associou-a repetidamente à comunidade cigana, reforçando o seu autoproclamado papel de defensor da polícia quando acusou Ana Gomes de ser hipócrita, especialmente quando se mostrou próxima da polícia, depois de ter anteriormente criticado as brutalidades policiais contra as minorias. Assumindo o seu cariz antissistema, afirmou que o seu principal objetivo era derrotar a candidata que "representa toda a esquerda". Aliás, reforçou que não gosta da Constituição atual e que pretende conseguir no Parlamento avançar com um projeto com vista à sua revisão. Não obstante, “tem esperança de democraticamente mudar o regime, ao contrário do partido em que militou Dra. Ana Gomes”, acreditando na “mudança pelo voto e por isso é que eu não defendo nenhuma ação armada, nem nenhum golpe de Estado. Defendo votos. Democracia.” Reafirmou ser a favor da “ditadura das pessoas de bem” e que quer ser Presidente daqueles portugueses que trabalham e “não daqueles que vivem de subsídios”. Na sua ótica, “há uma parte do país que sente que tem que cumprir e há uma outra parte que sente que não tem que cumprir” e ainda referiu que o Chega “representa os portugueses normais”. Aqui se nota a sua postura enquanto defensor do povo.

1.2. Entrevistas em Período Eleitoral

A análise referente às entrevistas dadas por André Ventura durante o período eleitoral faz sobressair outras categorias, referentes a outros temas que fazem parte do seu discurso, que no entanto, não foram tão bem explorados nos debates presidenciais, uma vez que nestes o líder do Chega utilizou o espaço de antena para atacar e diminuir os seus adversários, mais que esclarecer o seu programa eleitoral e algumas questões colocadas pelos jornalistas. De facto, os argumentos utilizados nas entrevistas, foram os mesmo dos debates, só que mais esmiuçados por partes dos jornalistas que conduziam a entrevista. A tabela seguinte demonstra isto mesmo.

Lista de Códigos	Manuel Luis Goucha - André Ventura	Antena 1 - André Ventura	CMTV - André Ventura	Porto Canal - André Ventura	Conversas Improváveis - André Ventura
Povo - Elite					
Antissistema					
IV República					
Presidencialismo					
Campanha Presidencial Eleição					
Expressões Belicistas					
Comunicação Social/Redes Sociais					
Ataque aos Partidos e Candidatos					
Discurso de Confiança/Vitória					
Discurso de Vitimização/Ironia					
CHEGA					
Propostas/Medidas de André Ve					
Inclusão do elemento religioso					
Referências ao nazismo e fascis					
Nacionalismo					
Minorias					
Ciganos					
Comunidade LGBTI					
Imigrantes					
Europa					
Refugiados					
Xenofobia					
Racismo					
Sexismo					
Autoritarismo					
Polícia					
Segurança					
Democracia					

Figura 2. Matriz de Códigos das Entrevistas

Na entrevista com Manuel Luis Goucha, de acordo com o MaxQDA, as categorias mais salientes foram **Antissistema**, **Povo e Elite** e, como novidade comparativamente aos debates, **Nacionalismo**. Efetivamente, o seu discurso consolidou a posição antissistema em que é criada uma nova ordem em que a comunidade ético-política é representada por um povo hegemónico que substitui as estruturas tradicionais da democracia: “não gostamos deste sistema, desta constituição”, “vou lutar contra este regime até ao fim”. Sobre ser considerado de direita radical, refere que é “uma direita antissistema, isso sim, e nós nunca escondemos isso (...) e isso não quer dizer que não gostamos de democracia (...), a constituição não é nenhuma bíblia (...) podemos alterá-la, aliás, ela prevê mecanismos de alteração”. Sobre ser apelidado de fascista, clarifica “é evidente que não sou fascista”, argumentando que é chamado de “fascista”, devido à sua posição contra o sistema, expandindo o esse “rótulo” a todas as pessoas que concordam com a mudança do sistema, considerando ser um “ataque vil dizer-se simplesmente que você é fascista, sem rebater os elementos”. Assumindo-se como representante do povo contra a elite, afirmou que “as pessoas precisavam na política há muitos anos, era uma pessoa que dissesse o que eles sentem”, repetindo a defesa dos “portugueses normais, comuns, os que trabalham, os que têm que pagar impostos, os que não vivem à conta do sistema” e ser Presidente dos “portugueses de bem”. O nacionalismo fica vincado sobretudo nas referências à etnia cigana, que segundo Ventura “é onde o padrão de problemas é superior” e com um elevado “nível de subsidiodependência” e que “não vale a pena andarmos aqui às voltas para a frente e para trás que é uma questão cultural”.

Na entrevista conduzida por Natália Ribeiro, na Antena 1, as categorias mais presentes são **Antissistema** e **Autoritarismo**. No seu discurso repetiu os ataques aos partidos de esquerda, mas também à direita, que considera aliada da esquerda, tecendo ataques diretos a todos os candidatos e partidos. Quanto à categoria Autoritarismo, garantiu que se chegasse ao poder iria impor medidas mais restritivas no que toca à liberdade de expressão no Twitter, porque não quer que “se torne uma plataforma de incentivo ao ódio, se aliás já está previsto na lei, tal como não podemos incitar ao ódio contra minorias, também não podemos incitar ao ódio contra a maioria”. Considera que quem tece esse tipo de comentários “é, uma bandalhagem, a gente não pode permitir que isso aconteça” e pretende que haja regras, “porque isto tem consequências quando nós vemos episódios de violência sobre policias ou de policias sobre outros ou de violência entre etnias ou minorias”. Reiterou ao longo da entrevista que pretende acabar com “este sentimento de impunidade em que eu posso ameaçar alguém de morte, ofendê-lo, sem quaisquer consequências em termos de esfera pessoal”. Referiu que “vai ter sempre respeito pela autoridade” e, inclusive, propôs “impedir que se usem imagens, deturpadas, manipuladas” das forças policiais.

Na entrevista à CMTV, guiada por Octávio Ribeiro, as categorias mais salientes são **Antissistema** e **Povo e Elite**. Nesta entrevista, repetiu a ideia de “constituir um partido de rutura, antissistema, mas dentro de uma linha da dignidade humana”, qualificando a figura do Presidente da República como “corta-fitas”. Opondo-se ao sistema, afirmou ser o único a fazer propostas contra a corrupção “ao contrário dos meus adversários que nunca fizeram nada contra a corrupção”.

Na entrevista realizada pelo jornalista Tiago Girão, no Porto Canal, as categorias com maior peso foram **Antissistema**, **Povo e Elite** e **Nacionalismo**. André Ventura assume-se como o representante “que atrai todos os que são contra o sistema” que vão “desde a extrema esquerda à direita radical, passando pelo centro e pelos mais moderados, portanto, nos partidos antissistema é, (...) razoável que todo o espectro que não se identifica com o sistema venha”. Salientou que “os portugueses precisam de políticos que não estejam dependentes do dinheiro público”, reafirmando a sua posição de defensor, se eleito, das “pessoas de bem”, manifestou o seu anti elitismo, considerando que há “portugueses de primeira e de segunda, ou seja, os de bem são postos de lado e os outros é que são premiados”. Quanto à categoria nacionalismo, refere ser “o mais crítico que pode haver da comunidade cigana”, ainda assim, Ventura apresentou num comício em Braga dois ciganos, que mais tarde vieram dizer perante as redes sociais que não eram ciganos. Afirmou que “fiquei muito agradado de saber que há pessoas ciganas que apoiam (...) porque mostra que destrói o estereótipo de que eu não gosto dos ciganos por serem ciganos (...) mostra que há ciganos que trabalham, que pagam

impostos e que reconhecem que muitos outros não o fazem”. Ventura escolheu e utilizou dois membros da comunidade cigana para criar diversidade, inclusão e, conseqüentemente, evitar o estigma de ser contra todos os ciganos.

A entrevista ao Público, conduzida por Francisco Mendes da Silva, tocou nas quatro categorias analisadas: **Povo e Elite**, **Antissistema**, **Nacionalismo** e **Autoritarismo**. O anti elitismo e o papel de defensor do povo podem ser constatados na afirmação “não vou exercer nenhuma influência, nem mover nenhuma influência presidencial em favor daqueles que há 40, ou 50, ou 60 anos que não fazem outra coisa que se não viver de esquemas à volta do estado”, reforçando a apologia dos “portugueses de bem”. Ao nível da categoria Nacionalismo, apontou que no caso do RSI é necessário “um processo de fiscalização efetiva e concreto para não estejamos num país em que haja ressentimentos criados por uns parecerem ter acesso a tudo e com sinais exteriores de riqueza e outros serem, enfim, prejudicados nesses apoios”. Os apelos à lei e à ordem, aludindo a uma das principais características de populismo na conceção de Mudde (2007, p. 23), que adquire preponderância nos partidos populistas da direita radical, refletindo-se numa luta intransigente contra o crime e fortalecimento do sistema judicial e da força policial, o endurecimento do sistema prisional e a expansão dos direitos dos cidadãos à autodefesa, surgem reforçados nesta entrevista. Quanto ao nacionalismo, Ventura afirma não querer em Portugal, nem na União Europeia “uma imigração abandalhada, sem qualquer controlo”, acrescentando que a Europa “tem uma matriz cristã, não é um aglomerado sem matriz, ou seja, entra quem quiser, venha quem quiser, faça o que quiser, nós estamos cá para pagar, vocês entram e façam o que quiserem”.

1.3. Campanha Eleitoral

As categorias que sobressaíram foram: **Antissistema**, **Povo e Elite** e **Autoritarismo**. Quanto às duas primeiras, André Ventura assumiu os temas recorrentes, referindo, por exemplo, que “negamos esta lógica socialista de que tudo o que é contra o sistema se torna imediatamente extrema-direita”, posicionando-se contra uma elite a quem “já aturámos 46 anos de governo de vergonha e de Presidentes de vergonha”. A categoria **Autoritarismo** surge com maior visibilidade, assumindo-se Ventura como o candidato que vai “repor a ordem pública” e que apesar das manifestações e protestos que foi alvo afirmou: “nós não temos medo”. O autoritarismo é também implicitamente crítico com os políticos e a representação liberal, porque oferece uma visão sobre como organizar o poder político e qual é o lugar para os líderes e o resto dos membros da sociedade. Quanto à categoria **antissistema**, Ventura considera que “não precisamos de 230 deputados para absolutamente nada”, defendeu a

“redução de 12% dos vencimentos, não só de deputados, de todos os titulares de cargos políticos”. Alegando que se os portugueses fazem sacrifícios, considera incompreensível que os políticos não os façam, manifestando aqui uma polarização **Povo-Elite**.

Nos comícios, optou por atacar os seus adversários, em vez de esclarecer a sua agenda política, numa retórica baseada nos pontos acima descritos. Para fundamentar o seu caráter antissistema, ancorou-se em figuras do passado para despertar uma refundação que defende ser necessária: D. Afonso Henriques, o Castelo de Guimarães e D. Nuno Álvares Pereira. O objetivo seria a “reconquista de Portugal ao socialismo” e à corrupção, que salienta estar a desestruturar o país.

Lista de Códigos	Campanha presidencial de André Ventura
Povo - Elite	■
Antissistema	■
IV República	
Presidencialismo	
Campanha Presidencial Eleição	■
Expressões Belicistas	■
Comunicação Social/Redes Sociais	■
Ataque aos Partidos e Candidatos	■
Discurso de Confiança/Vitória	■
Discurso de Vitimização/Ironia	■
CHEGA	■
Propostas/Medidas de André Ve	
Inclusão do elemento religioso	
Referências ao nazismo e fascis	
Nacionalismo	
Minorias	
Ciganos	
Comunidade LGBTI	
Imigrantes	
Europa	
Refugiados	
Xenofobia	
Racismo	
Sexismo	
Autoritarismo	■
Policia	
Segurança	
Democracia	

Figura 19. Matriz de Códigos da Campanha Eleitoral

1.4. Twitter

O papel das redes sociais é fundamental para compreendermos o populismo, e como tal, André Ventura tirou partido das redes sociais na sua campanha: não só é o candidato com mais seguidores, como o detentor da maior quantidade de likes (FOXp2, 2021). Os líderes de extrema-direita começaram a utilizar as redes sociais para falar diretamente com e para "o povo puro" de uma forma muito eficaz e inovadora graças às suas múltiplas funções performativas de conectividade, interatividade do utilizador e acessibilidade económica (Moffitt, 2016), que proporcionam aos seus utilizadores "a flexibilidade de apresentarem imagens visuais poderosas, tais como, imagens e vídeos

sem os caros custos de produção" (Maratea, 2008, p. 148). A conta **@andrecventura**, foi suspensa várias vezes, não obstante, consegue atrair apoiantes e desenvolver a sua campanha política através das redes sociais - tal como Marine Le Pen, líder do partido francês Rassemblement National, que apoiou Ventura durante a campanha eleitoral - utilizando mensagens emocionais e pontos controversos que suscitam debate na sociedade.

Durante o período de análise de 2 a 25 de janeiro, André Ventura publicou 91 tweets que cumpriram características populistas de direita, tal como estabelecidas neste estudo. Com base nas categorias que têm por base esta análise, a que mais se destacou foi a categoria **Antissistema e Povo e Elite**. Tweets como "Estavam à espera que esta candidatura fosse para deixar tudo na mesma? Que fosse para deixar a esquerda sem confronto, como acontece há 45 anos? Habituem-se, eu vim para não deixar pedra sobre pedra deste sistema podre e corrupto que nos governa!"; "Ontem os portugueses puderam ver que existem dois projetos alternativos claros para Portugal: manter tudo como está ou romper de vez com o sistema!", comprovam a posição anti sistémica do líder do Chega, face ao atual sistema político, que considera como opressor, os partidos de esquerda como traidores e os partidos de direita como partidos "encobertos" de esquerda "é isto que uma suposta direita contra o sistema tem para oferecer aos portugueses". Num dos seus tweets considerou Ana Gomes como a "candidata cigana", quanto a Marcelo Rebelo de Sousa referenciou que "esteve ao lado dos bandidos no Bairro da Jamaica", inclusive este tweet veio na sequência do debate entre ambos, onde mostrou uma fotografia de Marcelo Rebelo de Sousa com os moradores a quem chamou "bandidos". Posteriormente foi condenado pelo Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa por ter ofendido a honra e imagem dos moradores do bairro da Jamaica. Ventura considerou uma ameaça à liberdade de expressão dos políticos e dos partidos de Portugal.

Lista de Códigos	André Ventura - discurso após resultados
☑ Povo - Elite	■
☑ Antissistema	■
☑ IV República	■
☑ Presidencialismo	■
☑ Campanha Presidencial Eleição	■
☑ Expressões Belicistas	■
☑ Comunicação Social/Redes Sociais	■
☑ Ataque aos Partidos e Candidatos	■
☑ Discurso de Confiança/Vitória	■
☑ Discurso de Vitimização/Ironia	■
☑ CHEGA	■
☑ Propostas/Medidas de André Ve	■
☑ Inclusão do elemento religioso	■
☑ Referências ao nazismo e fascis	■
☑ Nacionalismo	■
☑ Minorias	■
☑ Ciganos	■
☑ Comunidade LGBTI	■
☑ Imigrantes	■
☑ Europa	■
☑ Refugiados	■
☑ Xenofobia	■
☑ Racismo	■
☑ Sexismo	■
☑ Autoritarismo	■
☑ Polícia	■
☑ Segurança	■
☑ Democracia	■

Figura 20. Matriz de Códigos do Twitter

Ventura apresentou-se como o único líder da oposição, como um político que protesta contra o status quo, e o único que representa verdadeiramente uma mudança no sistema, considerando-se a “alvorada de que Portugal precisa”. Do mesmo modo, apresentou-se como alguém que nunca irá privilegiar certos grupos sociais, “os privilegiados das últimas décadas, instrumentalizados pela esquerda decadente, sabem que a mama está a chegar ao fim”. No que concerne às manifestações que foi alvo, referiu que “os que não têm mais nada para fazer, nem gostam muito de trabalhar, perseguem a minha candidatura pelo país. Percebe-se: os privilégios estão a acabar!”, acusando também a esquerda de tentar boicotar a sua campanha. Assumindo-se como defensor do povo, proclamou que só representaria os “portugueses de bem”, aqueles que trabalham arduamente, católicos, europeus, que são vitimizados pelos “outros” que estão a destruir o país; “Se os subsídio-dependentes, os acomodados e a extrema-esquerda pensam que me desanimam, estão muito enganados. Só me dão mais força para lutar pelos portugueses de bem”, mencionou ainda. O comentário feito por Ventura num comício em Portalegre sobre o batom da candidata Marisa Matias, suscitou críticas de alguns utilizadores do Twitter, que acusaram Ventura de machismo e misoginia, tornando-se o hashtag batom vermelho viral na luta contra o machismo. Ventura apropriou-se do debate para reforçar a sua característica antissistema, com o hashtag batom negro de luto, como protesto à corrupção, à violência doméstica e ao clientelismo político, servindo-se para vincar que está em total desacordo com o governo e os partidos da oposição.

1.5. Discurso Pós-Resultados Eleitorais

A vitória de Marcelo Rebelo de Sousa não foi surpreendente e, portanto, a noite eleitoral foi sobre André Ventura e o que seria o futuro após conhecimento dos resultados. Nas legislativas em 2019, o Chega conseguiu alcançar 1,29% de votos. Nas Eleições Presidenciais obteve 11.9%, conquistando o terceiro lugar. Revelou que Portugal já não é a exceção europeia ao populismo de direita e que as suas posições extremistas e discurso polémico deram-lhe o tempo de antena que ele pretendia, confirmando a afirmação de Mudde (2019) de que nenhum país é imune a apelos nativistas, autoritários e populistas, é mais uma questão de oferta do que de procura e o exemplo português mostra que ele está correto.

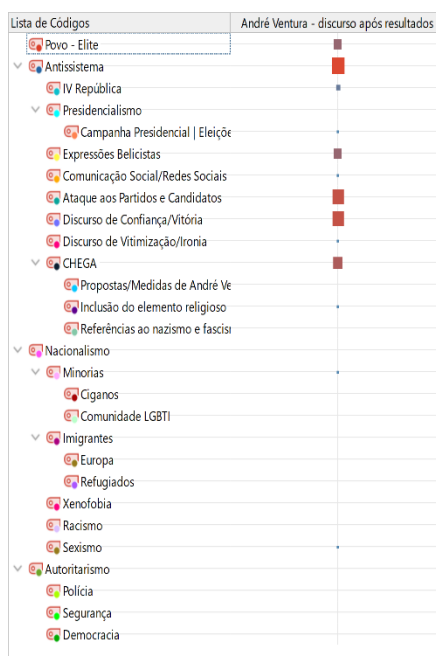


Figura 21. Matriz de Códigos Após os Resultados Eleitorais

As categorias mais proeminentes neste discurso são **Antissistema** e **Povo e Elite**. Para o candidato, foi uma “noite histórica em que pela primeira vez um partido declaradamente antissistema rompeu o espectro da direita tradicional”, o mito das “terras de esquerda e de terras comunistas”. Considerou-se responsável “pela maior força de transformação em Portugal das últimas décadas e agradeceu ao seu eleitorado pelo resultado obtido, incluindo-os como os principais aliados no “processo de transformar” o país e que estará sempre ao lado dos “portugueses de bem”.

políticos, mais do que defender os seus ideais, colocando em causa o desempenho ou programa dos rivais e as falhas pessoais de carácter, personalidade, valores ou comportamento dos mesmos.

A estratégia de André Ventura tem como objetivo atrair os eleitores indecisos ou diminuir os sentimentos positivos pelos candidatos ou partidos da oposição, aumentando assim (indiretamente) o seu apoio popular. O facto de ser antissistema, anti-establishment, anti elite realça este comportamento face aos seus rivais.

Lista de Códigos	Debates	Entrevistas de André Ventura	Campanha Eleitoral	Twitter 2 a 24 de Janeiro	Discursos pós resultados
Povo - Elite	■	■	■	■	■

Figura 23. Matriz de Códigos - Povo e Elite

2.2. Antissistema

A categoria **Antissistema**, bem como, as subcategorias associadas a esta, estiveram presentes em todos os materiais de análise, que comprova nitidamente a postura anti sistémica do candidato e a sua vontade em estabelecer uma mudança no sistema político. Não usou tanto argumentos ideológicos, antes expando as fragilidades existentes no regime, assumindo-se como o porta-voz de quem tem medo de se insurgir perante os erros, as insuficiências e as desilusões da prática política, procurando alcançar desta forma, votos legítimos, de protesto, de abstencionistas frustrados e sem crença na intervenção dos partidos tradicionais. O último ano com a pandemia de Covid-19 impulsionou partidos populistas de direita radical, uma vez, que capitalizam crises para obter ganhos políticos e opor-se ao governo. Ventura fez o mesmo, condenando as medidas implementadas pelo governo, considerando que este “começou a usar cheques em branco para disparates absurdos”, como libertar presos “por causa de uma suposta pandemia”, enquanto os “portugueses estavam confinados, nós tínhamos bandidos a ser colocados cá fora”. Criticou vigorosamente os políticos que aceitaram ser vacinados antecipadamente, “quando tantos idosos e tantos profissionais na linha da frente não o foram” referindo ainda ceder a sua vez “de bom grado (...) a um polícia, um bombeiro ou um idoso”.

Lista de Códigos	Debates	Entrevistas de André Ventura	Campanha Eleitoral	Twitter 2 a 24 de Janeiro	Discursos pós resultados
Antissistema	■	■	■	■	■
IV República	■	■	■	■	■
Presidencialismo	■	■	■	■	■
Campanha Presidencial Eleição	■	■	■	■	■
Expressões Belicistas	■	■	■	■	■
Comunicação Social/Redes Sociais	■	■	■	■	■
Ataque aos Partidos e Candidatos	■	■	■	■	■
Discurso de Confiança/Vitória	■	■	■	■	■
Discurso de Vitimização/Ironia	■	■	■	■	■
CHEGA	■	■	■	■	■
Propostas/Medidas de André Ve	■	■	■	■	■
Inclusão do elemento religioso	■	■	■	■	■
Referências ao nazismo e fascis	■	■	■	■	■

Figura 24. Matriz de Códigos - Antissistema

A Tabela 1. permite uma melhor compreensão da posição antissistema de André Ventura:

Antissistema	Discurso de André Ventura
IV República	Inclui a criação de uma Constituição inteiramente nova, a mudança do sistema semipresidencial para um sistema presidencial, e a minimização drástica do número de assentos de deputados no parlamento.
Partidos de Esquerda	Ataques constantes aos partidos de esquerda, vista como corrupta, “colada às minorias que têm explorado Portugal e mais colada aqueles que tem destruído Portugal” e a causa da destruição do Estado “nos últimos 46 anos”.
Partidos de Direita	Considera os partidos de direita como partidos "encobertos" de esquerda. Refere que o PSD quando não está no poder replica “o que está a passar no Partido Socialista”. Na sua opinião, o resultado “é que os eleitores deixam de ver a alternativa. Critica a falta de liderança à direita por não apresentar alternativas e caminhos diferentes face ao atual governo, referindo que essa atitude “gera o alheamento à direita”. Deixou claro que enquanto “a direita não perceber que só assumindo as causas da direita podemos derrotar o PS” e continuar a ser “o PS 2”, a direita não chegará ao poder.
Comunicação Social	Esta é em parte construção da sua dimensão de celebridade-político assente no princípio que o que é importante é ser falado, mal ou bem. A comunicação social é apresentada como sendo inimiga do Chega e de André Ventura: “há muitas coisas minhas que não passam!”; o que “interessa é bater no André Ventura todos os dias, portanto, isso é que dá visualizações, dá likes, gera comentário político”.
Chega	A ascensão do partido assenta na construção de representações sociais entre os “portugueses de bem” e aqueles que ele considera como “inimigos”. Tem um discurso conservador e identitário, ao mesmo tempo que realça o papel da Igreja Católica na estruturação da Europa e da civilização portuguesa.
Democracia	A ascensão do partido é apresentada como uma virtude da democracia portuguesa. Ao mesmo tempo, Ventura apresenta-se como “o mais democrático de todos os candidatos”.

Tabela 1. Antissistema - Elaborada pela Autora

A subcategoria **Ataque aos Partidos e Candidatos** está presente em todos os materiais de análise, contudo, foi possível verificar que esse ataque é efetivamente maior aos candidatos e partidos de esquerda. Houve três candidatos que representaram os partidos de esquerda: PS, BE e PCP, inclusive, o atual governo é de esquerda. Discursivamente, apresentou-os da mesma forma que o sistema, que considera corrupto, hipócrita, decrépito e preguiçoso, que desrespeita e se esquece do “povo” e beneficia “os privilegiados das últimas décadas”, destrói empregos e permite o clientelismo sem consequências. Assim, tal como outros partidos de extrema-direita, Ventura construiu os seus inimigos políticos, como uma ameaça genuína à democracia e, ao mesmo tempo, reivindica também o seu direito "democrático" ao exprimir declarações discriminatórias, considerando a ideologia de esquerda uma antítese a tudo o que ele acredita.

Em contraste com a representação do sistema, a postura de Ventura face aos candidatos de esquerda foi de inferiorizá-los: “Ana Gomes para contrabandista falta pouco e ninguém quer uma contrabandista a Presidente da República”, “João Ferreira com aquele ar de operário beto de Cascais”, “Marisa Matias cuja performance está muito abaixo do que seria expectável”. Ventura, escolhe subtilmente colocar algumas alegações erróneas para dar força ao seu discurso e persuadir os ouvintes menos atentos, adotando “factos alternativos” para que a audiência simpatize com ele.

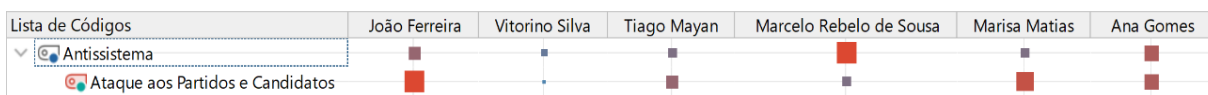


Figura 41. Matriz de códigos - Ataques aos candidatos às Eleições Presidenciais de 2021

2.3. Nacionalismo

A categoria **Nacionalismo** esteve mais presente nas Entrevistas, Debates e no Twitter, demonstrando que a subcategoria referente aos ciganos é a que assume maior peso no seu discurso. O populismo é um estilo político em que um grupo é construído arbitrariamente de membros puros e homogêneos da sociedade e posiciona-se contra dois inimigos: a diversidade e as elites (Moffitt, 2016; Müller, 2017). O discurso de André Ventura assemelha à nova direita nacionalista e é identitário, mostrando uma forte preocupação conservadora. Esta dimensão identitária, juntamente com a dicotomia entre o povo e uma classe dominante considerada oligárquica, e entre os "verdadeiros" portugueses, estrangeiros e membros de grupos étnicos não portugueses (em particular a população cigana), faz do seu discurso um exemplo do populismo triádico de direita que tem crescido na Europa

nos últimos anos (Madeira et al, 2020, p.25). Frequentemente, refere-se àqueles que utilizam o bem-estar nacional, como preguiçosos e desmerecedores e expõe que “as minorias têm um problema” e que Portugal vive numa “ditadura das minorias”, as que contribuem para estado e pagam impostos. Ventura, associa a comunidade cigana a criminosos e pessoas agressivas que atacam os “portugueses de bem”, incluindo a polícia e a si próprio, e que intrinsecamente entendem como padrão de comportamento que não têm de cumprir as regras que os outros estão obrigados, em termos fiscais, criminais e de subsídios.

Tal como noutras partes da Europa, os ciganos são uma comunidade altamente estigmatizada com elevadas taxas de pobreza, vivendo frequentemente em más condições habitacionais (campos, tendas e alojamento improvisado) e com elevadas taxas de dependência do bem-estar. Os ciganos portugueses "continuam a ser objeto de discriminação direta e indireta e continuam a viver à margem da sociedade, em condições de habitação por vezes muito más, com uma esperança de vida inferior à do resto da população, com uma menor taxa de escolarização e desempenho escolar, em particular para as raparigas ciganas, bem como, com um elevado nível de desemprego" (Council of Europe, 2019, p. 1). A segregação social a que historicamente os ciganos foram sendo sujeitos é considerada como obstáculo para que a minoria cigana se integre na sociedade envolvente adotando os padrões de vida, devido aos sentimentos de marginalização (Magno, 2010, p.116). Ventura, capitaliza o racismo existente na sociedade portuguesa, que nunca foi combatido, que é hegemónico e dominante, fácil de alimentar por questões de preconceito cultural contra uma franja da sociedade que por si só, já vive discriminada - criando a ilusão de que os ciganos são o principal problema do país, nesta questão concreta.

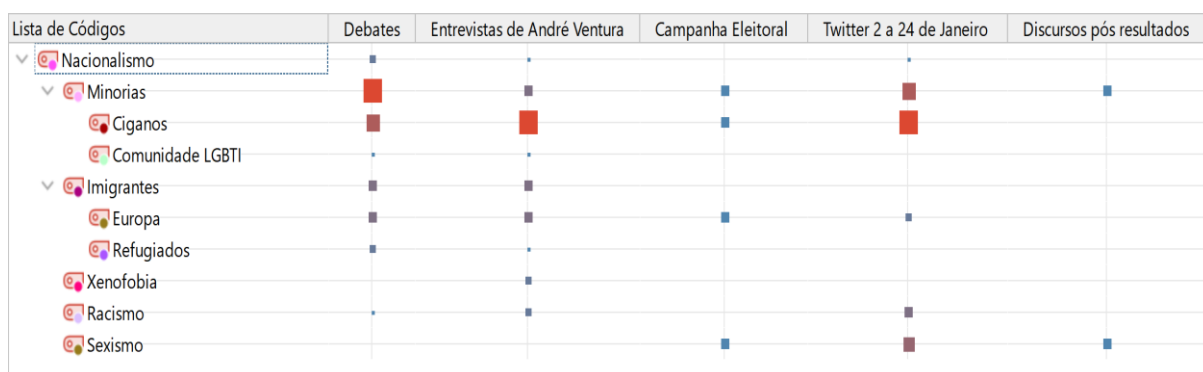


Figura 57. Matriz de Códigos - Nacionalismo

A tabela que se segue resume os **traços nacionalistas** do candidato:

Nacionalismo	Discurso de André Ventura
Comunidade Cigana	A chamada “questão cigana” é aquela que mais alimenta o alinhamento popular do seu discurso político com observações abertamente discriminatórias, considerando estar “perante uma comunidade que em termos de padrão, não são todos naturalmente, mas em termos da grande maioria, se recusa a cumprir regras do estado de direito, uma parte, há uma matriz quase que cultural de incumprimento das regras do estado de direito, nos direitos das mulheres, nos casamentos de menores, na ideia de que o estado tem que lhes dar tudo e eles cumprirem deveres nenhuns”. Afirma que os ciganos são uma parte responsável pelos próprios problemas que têm e discorda estruturalmente daqueles “que acham que o problema é que o estado não concedeu aos ciganos as oportunidades para eles serem uma comunidade inserida, institucional e equiparada a muitas outras que temos em Portugal”.
Imigrantes	Assume uma postura mais favorável, no entanto adverte que a imigração deve desenrolar-se dentro de regras apertadas. Quanto à imigração ilegal, tal como outros líderes europeus de extrema direita, defende a deportação numa série de situações, não querendo em Portugal, nem na União Europeia uma imigração “sem qualquer controlo”. Refere que a Europa tem “matriz civilizacional cristã e se tivermos 80% de população islâmica, deixamos de ter”. Afirmou “estamos abertos a toda a gente que venha para trabalhar, para se integrar e para cumprir as regras”.
Refugiados	Considera que na Europa existem muitos que chegam sem documentos, “mas vinham com Ipods e Ipad”. Repete a ideia de que os refugiados têm acesso prioritário a serviços públicos, como consultas médicas.
Rendimento Social de Inserção	Associa o RSI às minorias, nomeadamente à minoria cigana: o RSI é “uma das grandes falhas do estado (...) embora não sejam só ciganos, aliás pelo contrário, só cerca de 4% do RSI é que são para a comunidade cigana”. Contudo considera que a comunidade cigana tem “problemas reais de subsidiodependência” e que “apenas 18% da população cigana vive do seu trabalho, o que significa, portanto, que todos os outros 82% viverão ou de subsídios, ou de biscates, ou de outro tipo de economia”. Embora considere que o RSI tem uma lógica de integração para quem não tem meios de subsistência mínimos e, portanto, viver com o mínimo de dignidade, também refere que existe um abuso dessa realidade e propõe reduzir a subsidiodependência e fazer um plano para reduzir aquilo que é um “cancro do Estado”.
Racismo	Apresenta traços racistas quando refere que se for eleito Presidente da República “o país vai acordar de tal maneira do ponto de vista civilizacional que aquele estilo não vai ter lugar em Portugal, ou seja, não vai ter lugar por escolha das pessoas”.
Comunidade LGBTI	Sobre a comunidade LGBTI, Ventura refere que não tem qualquer problema e que tem um “enorme respeito pela a orientação sexual dos outros”. Nunca falou, nem falará “que os homossexuais ou outras comunidades são menos pessoas do que os outros (...) muito dos meus amigos são homossexuais”. No entanto, na sua perspetiva, o casamento homossexual devia “ter um enquadramento jurídico diferenciado” porque é uma questão “quase de instituição” e afirma defender os valores familiares tradicionais.

Tabela 2. Nacionalismo - *Elaborada pela Autora*

2.4. Autoritarismo

A categoria **Autoritarismo** teve uma forte expressão nos debates e nas entrevistas. Os apelos **à lei e à ordem**, constituem uma das principais características de populismo na conceção de Mudde (Mudde, 2007, p. 23), que adquire preponderância nos partidos populistas de direita radical, refletindo-se numa luta intransigente contra o crime, fortalecimento do sistema judicial e da força policial, o endurecimento do sistema prisional e a expansão dos direitos dos cidadãos à autodefesa (Mudde, 2007). A base de autoritarismo reside na tensão entre o desejo de autonomia e o desejo de restrições sociais de comportamento - procurando estabilidade e proteção física como seres humanos (Esteban, 2019, p.23). Os indicadores mais significativos na agenda de Ventura são a introdução da “prisão perpétua para crimes monstruosos, como de pedofilia” revisto de 25 em 25 anos, defende que os “crimes tem que ser punidos gravemente” e que os prisioneiros devem “trabalhar para contribuir para o sistema prisional”. Pretende “obrigar o Estado” a fiscalizar quem anda a viver à conta do mesmo e propõe “dobrar as penas de corrupção em Portugal (...) de 8 para 16 anos a pena máxima” embora Ventura preferisse “60 anos”. Mencionou em todo o seu discurso que estará “ao lado das forças de segurança” e que é um tema que pertence à agenda de direita, defende a castração química e física, a redução do número de deputados, pois não quer ter “cargos políticos como os que temos com deputados que ninguém sabe quem são” e medidas discriminatórias contra a comunidade cigana, tal como, o confinamento da etnia cigana¹⁹, como medida de prevenção à Covid 19²⁰, “denegrindo grupos que são vistos como uma ameaça e apoiando a ação para eliminar a ameaça, limitando as liberdades e os direitos das pessoas consideradas responsáveis” (Feldman, 2003, p. 66). No âmbito da pandemia, criticou as medidas tomadas pelo governo, alegando serem “absurdas” e que estavam a matar “a economia, o emprego, o trabalho e a sociedade”. Anteriormente, propôs a retirada da nacionalidade a cidadãos que tenham sido condenados por crimes e a exclusividade da ocupação de altos cargos públicos por portugueses portadores de nacionalidade originária.

O autoritarismo reduz a democracia a um jogo de maiorias e de minorias com questões relativas ao poder e às leis, podendo vir a constituir uma ameaça à democracia, através de formas diretas de expressão da vontade popular em detrimento das formas representativas, de hostilização das políticas em defesa das minorias. Portugal é o quarto país mais seguro do mundo (Global Peace Index, 2021, p.9), a população mais visada por André Ventura constitui cerca de 0,5% da população do

¹⁹ Em maio de 2020, André Ventura anunciou em comunicado que iria apresentar ao Parlamento uma proposta com “um plano específico de abordagem e confinamento para as comunidades ciganas, face à pandemia de Covid-19”.

²⁰ Justificou este plano alegando o incumprimento reiterado das regras sanitárias e de segurança impostas a todos os cidadãos por parte de cidadãos de etnia cigana”.

país, a nível económico começou a recuperar, relativamente à situação pandémica gerada pelo Covid 19, o governo foi visto como um exemplo a seguir na primeira vaga causada pelo vírus. Porém, colocam-se outras questões, como os problemas sociais, ser um dos países mais pobres da Europa e, o facto, do sistema democrático não estar a dar respostas a algumas preocupações da população e isso poderá ser um fator que justifique a emergência de atores populistas. A direita radical tem obtido sucesso por se apresentar como a única voz antissistema, em grande medida, é mais um voto de protesto, do que propriamente um voto ideológico em líderes ou partidos como estes. Assim, quando as populações se deparam com uma liderança aparentemente forte e um discurso antissistema, acabam por se rever nesse líder e conseqüentemente votam nele. De fato, o Relatório Global sobre o Estado da Democracia (IDEA, 2021, p.5), mostrou que Portugal sofreu um retrocesso em áreas sensíveis, como a independência judicial, ausência de corrupção e igualdade perante a lei, sendo o único país da Europa Ocidental a registar uma queda em três parâmetros de avaliação. A maior fragilidade reside na aplicação da justiça e no combate à corrupção, aliado à crise sanitária. O Barómetro Global da Corrupção da União Europeia (Transparency International, 2021), refere que cerca de 90% dos portugueses acredita que há corrupção no Governo e mais de 50% considera que o Governo está a falhar na luta contra a corrupção. Assim, não surpreende que a instrumentalização destes temas por Ventura consiga capitalizar o descontentamento e a falta de confiança de alguns segmentos da população portuguesa, fato que se reflete no número de votos do candidato nas eleições presidenciais. O relatório Democracia e confiança durante o Covid-19 (EuroFound, 2021), demonstrou que a confiança nas instituições baixou durante a pandemia Covid 19. Articulado estes temas, o discurso de André Ventura alimenta a sua ascensão na política portuguesa. Embora, Portugal tenha sido um dos países que mais tardiamente incorporou o populismo no seu sistema partidário, essa emergência não surpreende, porque já estava a acontecer há algum tempo noutros países europeus. Como já afirmado por Cas Mudde, seria apenas uma questão de tempo até os temas comuns à direita radical europeia serem articulados por um líder de um partido populista português.

Lista de Códigos	Debates	Entrevistas de André Ventura	Campanha Eleitoral	Twitter 2 a 24 de Janeiro	Discursos pós resultados
<ul style="list-style-type: none"> ▼ ■ Autoritarismo ■ Polícia ■ Segurança ■ Democracia 	■	■	■	■	■

Figura 73. Matriz de Códigos - Autoritarismo

2.5. A liderança de André Ventura

Os discursos populistas encontraram mais espaço nos meios de comunicação social em comparação com outros discursos, dadas as suas características de retórica, tornando-os atraentes para os meios de comunicação interessados em gerar controvérsias para atrair público. Ventura, enquanto vereador da Câmara de Loures pelo PSD em 2017, após as declarações polémicas deste dirigidas à comunidade cigana começou a despertar muita atenção. Após demitir-se do PSD, criou o seu partido em 2019, o Chega, continuando com o mesmo estilo discursivo, relativamente à comunidade cigana e a outros preconceitos que estavam enraizados na sociedade portuguesa, mas que até então não tinham alguém que os verbalizasse e os representasse e que, ainda assim, tem normalizado e capitalizado, de forma bastante eficaz, o discurso de ódio racista há muito latente no país. Entendeu, corretamente, que para poder ser votado tem de ser conhecido e, para tal, precisa de ser falado tornando-se hábil na exploração de ressentimentos e inseguranças, na divisão entre os “portugueses de bem” e os outros, atacando os que elegeu, como bodes expiatórios dos males sociais e demonizando, em particular, as comunidades ciganas (Silva, 2021).

De acordo com Jorge Vala (2021), o racismo continua a estar presente em Portugal, agora de uma forma subtil e escondida. A ideia de que um outro grupo pode constituir uma ameaça para o grupo é um fator que desencadeia emoções, mecanismos de proteção, de preparação para a ação e de legitimação da ação (Ibid, p.128) e os populistas de direita radical trazem esses preconceitos a debate com a dicotomia acentuada da sociedade, a promoção de crenças e de sentimentos anti-imigrantes, o endurecimento das fronteiras e a exclusão daqueles que são diferentes (Jaramillo, 2021, p.6). Ventura, considera que Portugal não é racista e sempre que existem notícias que envolvam o racismo, desvia a atenção para outros atores, como é exemplo o caso de George Floyd e a manifestação “Portugal não é racista” organizada pelo seu partido em 2020, de modo a distanciar “esse fantasma” que destrói o país sempre que algo de trágico acontece. Esta tentativa de eliminar o tema, poderá ser uma estratégia, para que o seu eleitorado não compreenda que o seu discurso está repleto de preconceitos e que é através deles que capitaliza votos.

O facto de Ventura ter emergido como dissidência de um partido de direita estabelecido já o ajuda a ser muito menos estigmatizado e a dar-lhe uma maior visibilidade, uma vez, que a política-espetáculo e o primado da imagem exigem que os líderes políticos sejam bons “atores” no domínio dos instrumentos de representação e de chegarem a uma audiência ávida de emoções (Serrano, 2020,

p.226). É essencialmente uma relação recíproca, dado que existe disponibilidade por parte dos media para darem espaço ao populismo e desta forma, o discurso populista se destacar dos restantes discursos. Quanto mais polémica consegue criar, mais alcance jornalístico, mais convites para programas de entretenimento é conseguido e, conseqüentemente, aumenta a viralidade nas redes sociais, como é exemplo, o Twitter. Os debates (Cision, 2021) com maior audiência foram protagonizados por Ventura, comprovando, mais uma vez, que a sua abordagem dá audiência e nesta linha os meios de comunicação social tendem a dar cobertura a tudo aquilo que representa uma certa rutura com a regularidade do quotidiano e as mensagens populistas, emotivas e disruptivas desafiam o status quo e a ordem pré-estabelecida (Prior, 2020, p.133), contribuindo de forma relevante para influenciar atitudes e opiniões públicas.

A sua ascensão resultou em grande parte da erosão dos partidos centrais do sistema político, em particular, do PSD e do CDS, apresentando-se como a única alternativa à direita, num país que durante décadas evitou lidar com o racismo estrutural e os focos de xenofobia, tais como, a hostilidade contra as comunidades ciganas. Este cenário político acabou por abrir caminho para o avanço de um candidato antissistema.

Ventura enquadra-se nos traços apontados por Mudde e Kaltwasser (2017), criando uma imagem de “homem de ação”, ou seja, aquele que não tem medo de tomar decisões rápidas e difíceis, assente numa liderança carismática, uma forma de exercer autoridade, confirmando a capacidade de persuasão que lhe permite convencer as pessoas a aderir a um movimento tão contestado, aliado a uma retórica antissistema, nacionalista e nativista, sobressaindo o constante ataque às minorias e não só, envolvendo também um discurso patriótico, messiânico, contraditório, emocional e por vezes abrasivo, através do qual se identificam os cidadãos descontentes, mais que não seja, como voto de protesto, muitas vezes por meio de bases, práticas e espaços comunicativos. Ventura, desempenhou um papel fundamental na construção dos “portugueses de bem”, uma noção que ele criou para que os que se identificam com ele, se sintam privilegiados, um grupo destinado a destabilizar o status quo, tomar o poder da elite dominante (os considerados inimigos), de forma a produzir uma nova ordem - a IV República - distanciada de tudo aquilo que ele considera deteriorado no sistema.

De facto, evidencia-se que há um fosso entre o que diz o programa político e a sua retórica (Mendes, 2021), a sua narrativa-chave serve, aliás, como uma espécie de manobra de distração em relação à sua agenda política, procurando beneficiar de todos os espaços com maior visibilidade. Nos

debates presidenciais assumiu uma postura de ataque face aos seus adversários, provido da sua retórica adquirida aquando da sua formação académica em Direito e de ter sido comentador de futebol num canal televisivo, preparou-se para cada oponente com o propósito de reunir matéria suficiente para desconsiderar o “outro” face aos portugueses que estavam a assistir. A estratégia consistiu em elevar o tom, interromper e afirmar que os candidatos eram cúmplices do sistema, do governo e representantes das elites. Expressões como “assuma”, “tenha coragem”, “quero saber em que debate é que eu estou”, “estou comovido”, são exemplo do menosprezo em relação aos seus opositores, banalizando o discurso alheio, aliado a ironia e gestos de forma a desarma-los e a desestabiliza-los, considerando-se o único que diz a verdade que mais ninguém diz e que está ao lado dos portugueses. Quando alguma temática era puxada para o debate, Ventura realçava as fragilidades a seu favor, para atacar o sistema e quem está no governo, alegando que o país precisa de uma mudança. Colocou os “portugueses de bem” sempre em primeiro lugar na sua narrativa, visto que, sabia que era o meio mais apropriado para o fazer, considerando que era necessário ouvir os portugueses, conduzindo para temas mais deficitários no sistema, como os rendimentos, pensões, impostos, as listas de espera nos hospitais, os cidadãos que se sentem abandonados no interior do país, nos subúrbios de Lisboa e do Porto. Realçou que há uma parte dos portugueses que sustenta a economia portuguesa e outra que vive à conta do trabalho árduo desses, argumentando que os cidadãos valorizam a sua capacidade de rutura, e que estão a seu lado, muitas vezes validando com as sondagens referentes às eleições.

Tal como outros atores políticos populistas, tem ampla cobertura por parte dos meios de comunicação social, valendo-se dos múltiplos canais de comunicação política para transmitir as suas mensagens e estabelecer uma ligação direta com os seus eleitores. Este mediatismo em torno da figura de Ventura ajuda-o efetivamente a reinventar-se, e, portanto, a legitimar o populismo, normalizando a sua posição de político que contesta o poder. Usufrui sobretudo da viralidade das redes sociais para impor o seu discurso, transpondo-o para fora delas. A estratégia de vitimização foi também utilizada para se apresentar como o alvo dos inimigos e da própria comunicação social, que acentua que só ele é que é notícia, dá visualizações, likes e gera comentário político, exprimindo que coisas más acontecem em qualquer partido, porém, só ele e o seu partido é que são expostos. Destaca o apoio que tem dos seus seguidores/eleitores como um consenso social, reforçando a ideia de que ele representa a vontade da maioria (volonté générale), que apesar das alegadas mentiras, difamações, ofensas e ataques que refere que tem sido alvo, tem tido apoio dos portugueses, reforçando que ele se preocupa com os problemas reais que os outros não querem ver, que na sua perspetiva preferem discutir o “racismo”, “os ciganos”, “os lábios pintados”, porque é mais fácil e não geram problemas. Com efeito, mais do que o verdadeiro número de apoiantes que acompanharam aos eventos da sua

campanha, o mais relevante para Ventura foi a forma como o evento foi apresentado a um público mais vasto, dando-lhe a visibilidade que ele queria. Não obstante, o terceiro lugar conquistado pelo candidato com 496.773 votos, confirma que há uma fração significativa da população que acredita na existência do problema que Ventura se propõe a resolver e que por ser novidade no panorama político, poderá ser a oportunidade de mudar as lacunas do sistema que têm sido esquecidas pelos partidos tradicionais.

Ventura só por ter apresentado a candidatura às eleições presidenciais de 2021, gerou reações que vieram a aumentar ao longo de toda a campanha eleitoral nos mais variados meios de comunicação social, abanou o sistema partidário, transparecendo um problema aos partidos tradicionais, por considerar que o sistema não está a funcionar. Dispondo do mediatismo concedido à sua figura de líder antissistema, expôs a sua agenda política em conformidade com as lacunas existentes na política atual portuguesa, explorando-as, e alcançando uma fração de eleitorado no espetro político insatisfeita. Numa narrativa baseada em cinco chavões principais, que foram possíveis validar no decurso da investigação, que norteiam toda a sua retórica: “portugueses de bem”; ataques ao sistema, aos políticos e à constituição; minorias; corrupção; e ordem e segurança, aparentando ser até ao momento, suficiente para cativar eleitorado de todos os partidos, até os de extrema-esquerda, porque sobretudo se alimenta dos descontentes do regime, da forte convicção de corrupção e da falta de resposta do sistema e dos políticos (Krouwel & Abts, 2007).

CONCLUSÃO

A dissertação teve como principal objeto de estudo o discurso político de André Ventura nas Eleições Presidenciais de 2021. Dado ser uma temática inexplorada no âmbito da Ciência Política, pretendeu-se conhecer as características discursivas populistas do líder do Chega, as quais foram confirmadas por esta investigação. Foram definidos quatro objetivos específicos: 1) identificar dicotomias elite-povo, nomeadamente a composição destas duas categorias; 2) identificar as ideologias associadas ao populismo de André Ventura; 3) identificar os principais temas tratados nos discursos durante a campanha eleitoral; 4) identificar o tipo de liderança populista de André Ventura. O discurso de Ventura compreende os elementos chave definidos por Cas Mudde na sua abordagem ideacional: a polarização entre povo e elite, as afirmações antissistema, o autoritarismo e o nacionalismo.

Esta análise mapeou como a abordagem ideacional do populismo (Mudde e Kaltwasser, 2017), que tem por base a **relação antagónica** entre as pessoas. No discurso de André Ventura, essa relação antagónica é demonstrada pela oposição entre “portugueses de bem” e os “outros”. Entre aqueles que ele exclui dos “portugueses de bem” – os “outros” – estão os “políticos corruptos”, “os criminosos” e “as pessoas que vivem de subsídios estatais”. Os “outros” foram sempre representados de forma negativa em contraste com a sua autoapresentação positiva. Dentro destes últimos, a comunidade cigana é especialmente visada, sendo fortemente associada à “subsidiodependência”, mas a que se podem juntar os imigrantes, refugiados e as minorias sexuais, conforme o eleitorado no momento, e tendo em conta o crescimento da agenda de “costumes” que Ventura vem assumindo, por via do combate à “ideologia de género”. Ao culpabilizar as minorias e o próprio sistema, estimula a sua autoestima, uma vez, que a responsabilidade é alheia ao próprio, o que resulta numa hierarquização na qual os ele e os “portugueses de bem” estão acima dos “outros”.

Associado à relação antagónica entre povo e elite está a forma como o discurso de André Ventura mobiliza o **sentimento antiestablishment**, propondo-se a mobilizar o ressentimento contra o político do establishment e as suas propostas económicas são em parte justificadas com base na necessidade de reduzir as práticas predatórias do sistema. Apresenta-se como a única opção antissistema, contra os partidos de esquerda, que identifica primordialmente com o sistema. Dentro desta categoria, propõe uma mudança radical no sistema com a criação da IV República, que envolve a elaboração de uma nova constituição, um sistema presidencialista e a redução de deputados no parlamento. De acordo com os resultados da análise do programa MaxQDA, a estratégia discursiva

antiestablishment preferencial que adotou foi o ataque pessoal aos seus adversários, sobretudo os candidatos de esquerda.

Quanto aos elementos **nacionalistas** no seu discurso, a análise realizada nesta dissertação revela que o foco foi a comunidade cigana, articulando esta questão com a dicotomia entre “portugueses de bem” e os “outros” atrás referida. Quando sancionado devido aos seus discursos discriminatórios, ele enquadrou essas situações como uma ameaça à sua liberdade de expressão. Os temas da imigração e da herança cristã da Europa foram também tocados, embora com menor expressão.

No que concerne ao **autoritarismo**, a análise revelou uma retórica intransigente contra o crime, o fortalecimento do sistema judicial e da força policial. Esta categoria é articulada com a categoria do antiestablishment, quando propõe medidas que o diferenciam substancialmente dos demais atores políticos: a prisão perpétua, a castração química, o fim do RSI ou o reforço do controlo das fronteiras externas. Esta categoria foi mais evidente nos debates e nas entrevistas, embora na sua campanha eleitoral tenha mostrado traços mais autoritários, quando se deparava com protestos e manifestações contra si.

Quanto às principais semelhanças e diferenças entre materiais analisados, nos **debates** prevaleceu o ataque aos adversários, principalmente os candidatos de esquerda. Nas **entrevistas**, foi possível compreender temas que não tinham sido tão explorados nos debates, enaltecendo a sua postura antissistema e nacionalista. Os temas centrais basearam-se nas questões internas do partido que representa, na oposição explícita ao sistema, nas medidas que defende e no ataque constante às minorias: comunidade cigana, imigrantes e refugiados. Na **campanha eleitoral**, reforçou a polarização “portugueses de bem” vs. os “outros”, o autoritarismo e o ataque aos seus adversários. Quanto à rede social **Twitter**, a análise conduzida nesta dissertação confirmou mais uma vez a sua posição antissistema e os constantes apelos ao povo, aos “portugueses de bem” e os ataques às minorias e aos “subsídio-dependentes”, com um discurso que retrata um país em estado de desordem social, onde reina a corrupção, governado por corruptos e assente num discurso de medo por referências maioritárias à falta de segurança e de apoio às forças policiais, situação essa, que só ele poderá reverter, exortando-se para esta causa, todos os Portugueses que pretendam instituir uma mudança.

Já a análise do **discurso** feito por André Ventura após conhecer os resultados eleitorais está em conformidade com as categorias aqui analisadas: antissistema e povo-elite, destacando se os ataques à esquerda e enaltecendo a sua vitória, mesmo ficando aquém do desejado segundo lugar.

A recorrência das categorias nacionalismo e autoritarismo, em resposta ao segundo objetivo específico da dissertação, permite colocar André Ventura no espectro político da direita radical. De fato, destaca-se o ataque aos ciganos, a defesa dos valores cristãos europeus, as restrições à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal e na Europa, temas associados àquele espectro político. Após a análise das categorias pelo programa MaxQDA, e como resposta ao quarto objetivo da dissertação, o tipo de liderança que emerge do discurso de André Ventura assenta na construção de uma figura política que se assume como o depositário das aspirações populares, a *vox populi*, sobretudo em temas relacionados com a renovação das elites políticas e do próprio sistema democrático, embora ele próprio tenha vindo do sistema, como militante do PSD e candidato ao município de Loures – um líder populista “insider”, como teorizaram Mudde e Kalwasser (2017). Para isso, com uma linguagem simples e acessível, articulou a ideia, dominante no discurso, dos “portugueses de bem”, ao lado dos quais se coloca, contra os “outros” – o sistema – apresentados como subsídio-dependentes, corruptos e responsáveis pelos males do país. Essa linguagem simples, vulgar e frequentemente agressivo, como a análise com o programa MaxQDA demonstrou, permite uma maior proximidade com o cidadão comum, tal como, articulado na literatura sobre o líder populista (Mudde e Kaltwasser, 2017). Através do conceito de “portugueses de bem”, Ventura cria uma identificação entre o líder e os eleitores, um grupo destinado a desestabilizar o status quo, tomar o poder da elite dominante (os considerados inimigos), de forma a produzir uma nova ordem - a IV República - distanciada de tudo aquilo que ele considera deteriorado no sistema. Assim, Ventura constrói a imagem de um político que não participa no sistema e de um homem de ação, assente numa liderança carismática, uma forma de exercer autoridade, confirmando a capacidade de persuasão que lhe permite convencer as pessoas a aderir a um movimento tão contestado, aliado a uma retórica antissistema, nacionalista e nativista, sobressaindo o constante ataque às minorias, envolvendo também um discurso patriótico, messiânico, contraditório, emocional e por vezes abrasivo, através do qual se identificam os cidadãos descontentes, mais que não seja como voto de protesto, muitas vezes por meio de bases, práticas e espaços comunicativos.

Como temas de investigação futura, propõe-se o estudo do lado da procura por parte do eleitorado português por um partido antissistema: identificar os motivos que levam esse eleitorado a votar em André Ventura e no Chega, permitirá uma melhor compreensão sobre a atratividade do

populismo de direita. Uma outra sugestão para investigação futura será se a postura e o discurso de André Ventura produziram alterações programáticas e/ou discursivas nos partidos políticos portugueses tradicionais, nomeadamente os partidos do centro direita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Papers

Amador, M. (2010). *Arquitetura do saber - Tipos de métodos científicos*. Fundação Minerva http://sites.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/images/stories/disciplinas/PhD%20Didactica%20LE/tipos_métodos_cientificos.pdf

Aydın-Düzgit, S., & Keyman, E. F. (2017). *The Trump presidency and the rise of populism in the global context*. Policy Brief. Istanbul: Istanbul Policy Center. https://www.academia.edu/34526695/THE_TRUMP_PRESIDENCY_AND_THE_RISE_OF_POPULISM_IN_THE_GLOBAL_CONTEXT

Bakker, B. N., Schumacher, G., & Rooduijn, M. (2020). The Populist Appeal: Personality and Anti-establishment Communication. <https://doi.org/10.31234/osf.io/n3je2>

Bucatariu, L. (2015). *Pros and Cons of Qualitative Software*. Qualitative Research Methods. https://www.academia.edu/24272568/Pros_and_Cons_of_Qualitative_Software?auto=download

Costa P., Eatwell, R. & Larsen, S. (Eds) (2006). *Charisma and fascism in interwar Europe*. Routledge. <https://www.researchgate.net/publication/263855029>

De Ipola, E. (1991). *Peronismo y populismo. Una nueva propuesta de interpretación*. Universidad Nacional de Buenos Aires. http://www.peronlibros.com.ar/sites/default/files/pdfs/de_ipolae-peronismo_y_populismo.pdf

Galito, M. (2017). Populismo - Conceptualização do Fenómeno. *Working Paper CESA CSG 158/2017*. 1-32. <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14156/1/wp158.pdf>

Gidron, N. & Bart, B. (2013). *Varieties of populism: Literature review and research agenda*. Harvard University. https://scholar.harvard.edu/files/gidron_bonikowski_populismlitreview_2013.pdf

Lührmann, A. & Hellmeier, S. (2020). *Populism, nationalism and Illiberalism: A challenge for democracy and civil society*. Heinrich Böll Foundation. 1-34. https://www.boell.de/sites/default/files/2020-03/E-Paper_EN_2_hbs_V-Dem_FINAL.pdf

Maldonado, M. (2017). *Rethinking Populism in the Digital Age: Social Networks, Political Affects and Post-Truth Democracies*. <https://riuma.uma.es/xmlui/handle/10630/14500>

March, L. (2020). *Left-wing populism: past and present, in research and politics*. Political Studies Association. https://www.psa.ac.uk/sites/default/files/page-files/Populism_Newsletter_2.pdf

Mudde, C., & Kaltwasser, C. R. (2011). *Voices of the peoples: Populism in Europe and Latin America compared*. South Bend, Indiana: Helen Kellogg Institute for International Studies.
<https://kellogg.nd.edu/documents/1695>

Schimpf, C., & Schoen, H. (2017). On the psychological roots of populist voting: A discussion of Bakker, Rooduijn, and Schumacher (2016). *Unpublished manuscript*.
<https://www.researchgate.net/publication/315684828>

Pappas, Takis. (2012). *Populism Emergent: A framework for analyzing its contexts, mechanics, and outcomes*. European Union Democracy Observatory.
<https://www.researchgate.net/publication/25441152>

Wodak, R. (2015). *The Politics of Fear. What Right-Wing Populist Discourses Mean*. Los Angeles: SAGE.
<https://www.researchgate.net/publication/282572733>

Artigos em Revistas Científicas

Al-Ramahi, R. & 2 Ab Rashid, R. (2019). Theorizing critical populist discourse analysis: a new plausible paradigm. *Journal of Nusantara Studies* 4(1), 422-444.
https://www.researchgate.net/publication/334546214_Theorizing_Critical_Populist_Discourse_Analysis_A_New_Plausible_Paradigm

Aslandis, P. (2016). Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective. *Political Studies* 64(1), 88-104. <http://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>

Barber, N. (2019). Populist leaders and political parties. *German Law Journal*, 20(2), 129-140.
<http://doi.org/10.1017/glj.2019.9>

Belim, C. (2020). “In the land of elections, the populist man is king”: The online communication of Basta and Vox in the 2019 European elections. *Tripodos*, 49, 109-128.

Bernhard, L. (2020). Revisiting the inclusion-moderation thesis on radical right populism: Does party leadership matter? *Politics and Governance*, 8(1), 206–216.
<http://doi.org/10.17645/pag.v8i1.2515>

Block, H. & Negrine, R. (2017). The populist communication style: Toward a critical framework. *International Journal of Communication*, 11, 178–197.
<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/5820>

Canovan, M. (1999). Trust the people! Populism and the two faces of democracy. *Political Studies*, 47(1), 2–16. <https://doi.org/10.1111/1467-9248.00184>

De La Torre, C. & Mazzoleni, O. (2019). Do we need a minimum definition of populism? An appraisal of Mudde’s conceptualization. *Journal Populism*, 2(1), 79-95.

<https://doi.org/10.1163/25888072-02011021>

Dias, J. F. (2021). O Messias já chegou e livrará “as pessoas de bem” dos corruptos: messianismo político e legitimação popular, os casos Bolsonaro e André Ventura. *Polis*, 2, 49-60.
<https://doi.org/10.34628/p1bj-5611>

Eiró-Gomes & Raposo, A. (2021). Family resemblances: remnants of Populism in Portuguese 2017 regional elections. *American Behavioral Scientist*. Online first. doi/10.1177/00027642211016521.

Elo, S., & Kyngäs, H. (2008). The qualitative content analysis process. *Journal of Advanced Nursing*, 62(1), 107–115. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x>

Feldman, S. (2003). Enforcing Social Conformity: A Theory of Authoritarianism. *Political Psychology*, 24(1), 41-74. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/0162-895X.00316>

Freeden, M. (2017). After the Brexit referendum: revisiting populism as an ideology. *Journal of Political Ideologies*, 22(1), 1-11. <https://doi.org/10.1080/13569317.2016.1260813>

Gagnon, J., Beausoleil, E., Son, K., Arguelles C., Chalaye P. & Johnston C. (2018). What is populism? Who is the populist? *Democratic Theory*, 5(2), 6-26.
<https://doi.org/10.3167/dt.2018.050201>

Gerber, A. S., Huber, G. A., Doherty, D. & Dowling, M. (2011). The big five personality traits in the political arena. *The Annual Review of Political Science*, 14, 265-287.
http://www.matchism.org/refs/Gerber_2011_Big5Political.pdf

Greven, T. (2016). The rise of right-wing populism in Europe and the United States. *A Comparative Perspective [La emergencia del populismo de derechas en Europa y Estados Unidos. Una perspectiva comparada]*. Friedrich Ebert Foundation, Washington DC Office, 1-8.
<https://library.fes.de/pdf-files/id/12892.pdf>

Guimarães, G. (2020). Resenha do livro A nova direita anti-sistema: o caso do Chega, de Riccardo Marchi. *Locus: Revista de História*, 26(2), 500-505. <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2020.v26.31953>

Hameleers, M. (2018). A typology of populism: Toward a revised theoretical framework on the sender side and receiver side of communication. *International Journal of Communication*, 12, 2171–2190.
<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/7456>

Hawkins, K. (2009). Is Chavez Populist? Measuring populist discourse in comparative perspective. *Comparative Political Studies*, 42(8), 1040-1067.
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0010414009331721>

Heinisch, Reinhard. (2003). Success in opposition–failure in government: Explaining the performance of right-wing populist parties in public office. *West European Politics*, 26(3), 91–130.

<https://doi.org/10.1080/01402380312331280608>

Heyne, L. & Manucci, L. (2021). A new Iberian exceptionalism? Comparing the populist radical right electorate in Portugal and Spain. *Political Research Exchange*, 3(1), DOI: [10.1080/2474736X.2021.1989985](https://doi.org/10.1080/2474736X.2021.1989985).

Huber, R. A. & Schimpf, C. H. (2017). On the distinct effects of left-wing and right-wing populism on democratic quality. *Politics and Governance*, 5(4), 146–165.

<http://dx.doi.org/10.17645/pag.v5i4.919>

Jagers, J. & Walgrave, S. (2007). Populism as political communication style - An empirical study of political parties discourse in Belgium. *European Journal of Political Science*, 46(3), 1-22.

<https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.2006.00690.x>

Klinger, U., & Svensson, J. (2015). The emergence of network media logic in political communication: A theoretical approach. *New Media & Society*, 17(8), 1241–1257.

<https://doi.org/10.1177/1461444814522952>

Krzyżanowski, M. (2020). Discursive shifts and the normalisation of racism: imaginaries of immigration, moral panics and the discourse of contemporary right-wing populism. *Social Semiotics*, 30(4), 503-527.

<https://doi.org/10.1080/10350330.2020.1766199>

López-Rodríguez, A. A., González-Gómez, A., & González-Quinzán, S. (2021). Populismo punitivo y extrema derecha en el espacio ibérico. *Universitas-XXI*, 35, 103-126.

<https://doi.org/10.17163/uni.n35.2021.05>

Maratea, R. (2008). The e-Rise and Fall of Social Problems: The Blogosphere as a Public Arena. *Social Problems*, 55(1), 139–160.

https://www.researchgate.net/publication/240761101_The_e-Rise_and_Fall_of_Social_Problems_The_Blogosphere_as_a_Public_Arena

Mendes, M. & Dennison, J. (2020). Explaining the emergence of the radical right in Spain and Portugal: salience, stigma and supply. *West European Politics*, 4(3), 1-24.

<https://doi.org/10.1080/01402382.2020.1777504>

Michael A. Peters (2018) The end of neoliberal globalisation and the rise of authoritarian populism. *Educational Philosophy and Theory*, 50(4), 323-325.

<https://doi.org/10.1080/00131857.2017.1305720>

Moffitt, B., Tormey, S. (2014). Rethinking populism: Politics, mediatisation and political Style. *Political Studies*, 62(2), 381-397. <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12032>

Mudde, C. & Kaltwasser, C. R. (2018). Studying populism in comparative perspective: reflections on the contemporary and future research agenda. *Comparative Political Studies*, 51(3), 1667-1693. <https://doi.org/10.1177/0010414018789490>

Mudde, C. (2004). The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, 39(4), 541-563. <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>

Nai, A. i & i Coma, M. (2019): The personality of populists: provocateurs, charismatic leaders, or drunken dinner guests? *West European Politics*, 42(7), 1337-1367. <https://doi.org/10.1080/01402382.2019.1599570>

Nai, A. (2018). Fear and Loathing in Populist Campaigns? Comparing the Communication Style of Populists and Non-populists in Elections Worldwide. *Journal of Political Marketing*, 20(1), 1-32. <https://doi.org/10.1080/15377857.2018.1491439>

O'Brien, T. (2015). Populism, protest and democracy in the twenty-first century. *Contemporary Social Science*, 10(4), 337-348. <http://doi.org/10.1080/21582041.2016.1237438>

Oliveira, M., Bitencourt, C. C., Santos, A. C. M. Z. & Teixeira, E. Z. (2016). Análise de Conteúdo Temática: há uma diferença na utilização e nas vantagens oferecidas pelos 67 softwares MAXQDA® e NVivo®? *Brazilian Journal of Management*, 9(1), 72-82. <https://www.redalyc.org/pdf/2734/273445396006.pdf>

Oliveira, C. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias*, 2(3), 1-16. https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/339156/mod_resource/content/1/PesquisaQualitativa.pdf

Ostiguy, P. (2020). The Sociocultural, relational, approach to populism. *The Open Journal of Sociopolitical Studies*, 13(1), 29-58. <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/paco/article/download/21980/18552>

Palmer, C. & Bolderston, A. (2006). A Brief Introduction to Qualitative Research. *Journal of Medical Radiation Technology*, 37(1), 16-19. https://www.researchgate.net/publication/237892956_A_Brief_Introduction_to_Qualitative_Research

Plattner, M. (2004). Liberalism and democracy: Can't have one without the other. *Foreign Affairs*, 77(2), 171-80. https://eppam.weebly.com/uploads/5/5/6/2/5562069/liberalism_and_democracy.pdf

Priester, K. (2011). Definitionen und Typologien des Populismus. *Soziale Welt*, 62, 185-198. <http://doi.org/10.5771/0038-6073-2011-2-185>

Raadt, J., Hollanders, D. & Krouwel, A. (2004). Varieties of Populism: An Analysis of the Programmatic Character of Six European Parties. *Working Papers Political Science*, 1-29.

<https://www.researchgate.net/publication/238086872>

Roberts, K. M. (2003). Social correlates of party system demise and populist resurgence in Venezuela. *Latin American Politics and Society*, 45(3), 35-57. <https://doi.org/10.1111/j.1548-2456.2003.tb00249.x>

Roller, M. (2019). A quality approach to qualitative content analysis: similarities and differences compared to other qualitative methods. *Qualitative Social Research*, 20(3), 1-21. <https://doi.org/10.17169/fqs-20.3.3385>

Santos, R. & Roque, S. (2021). The +populist far-right and the intersection of anti-immigration and antifeminist agendas: the Portuguese case. *DiGeSt, Journal of Diversity and Gender Studies*, 8(1), 42-58

Schilling, J. (2006). On the pragmatics of qualitative assessment designing the process for content analysis. *European Journal of Psychological Assessment*, 22(1), 28–37. <https://doi.org/10.1027/1015-5759.22.1.28>

Serrano, E. (2020). Populismo em Portugal: o factor media. *Media & Jornalismo*, 20(37), 221-239. https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_12

Stanley, B. (2008). The thin ideology of populism. *Journal of Political Ideologies*, 13(1), 95-110. <https://doi.org/10.1080/13569310701822289>

Taggart, P. (2004). Populism and representative politics in contemporary Europe. *Journal of Political Ideologies*, 9(3), 269–288. <https://doi.org/10.1080/1356931042000263528>

Taguieff, A. (1997). Le populisme et la science politique: Du mirage conceptuel aux vrais problèmes. *Vingtième Siècle: Revue d'Histoire*, 56(1997), 4-33. <https://doi.org/10.3406/xxs.1997.4489>

Teixeira, A. & Becker, F. (2001). Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS. *Sociologias*, 5(3), 94-113. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222001000100006>

Capítulos de Livros:

Barr, R. (2018). Populism as a political strategy. *Handbook of Global Populism Routledge*. 44-56. <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9781315226446-4>

Biscaia, A. & Salgado, S. (2021). Placing Portuguese right-wing populism into context: analogies with France, Italy and Spain. In D. Palau-Sampio, G.L. Garcia & L. Iannelli, *Contemporary politics, communication, and the impact on democracy* (pp. 234-255). IGI Global.

Bonikowski, B. (2019). Trump's populism: The mobilization of nationalist cleavages and the Future of US democracy. In K. Weyland & R. Madrid. eds. *When democracy trumps populism: European and Latin American lessons for the united states*, 110-131. Cambridge: Cambridge University Press.
[https://scholar.harvard.edu/files/bonikowski/files/bonikowski - trumps populism.pdf](https://scholar.harvard.edu/files/bonikowski/files/bonikowski_-_trumps_populism.pdf)

De Cleen, B. (2017). "Populism and nationalism". In C. R. Kaltwasser, P. Taggart, P. Ostiguy, & P. O. Espejo (Eds.), *Handbook of populism*, 342-362. Oxford: Oxford University Press.
https://cris.vub.be/files/28996702/De_Cleen_Populism_and_Nationalism_for_Oxford_Handbook_of_Populism_.pdf

De La Torre, C. (2017). Populism in Latin America. *The Oxford Handbook of Populism* Edited by C. R. Kaltwasser, P. Taggart, P. O. Espejo & P. Ostiguy, 1-22. Oxford: Oxford University Press.
<https://canvas.harvard.edu/courses/52622/files/6438315/download?verifier=AoGwiKvmc4ZtR08ZCUIAEL8t8hYrdgucvVnAQyUO&wrap=1>

Ostiguy, P. (2017). Populism: A socio-cultural Approach. In C. R. Kaltwasser, P. Taggart, P. O. Espejo, & P. Ostiguy (Eds.), *The Oxford Handbook of Populism*, 73-97. Oxford: Oxford University Press.
https://www.researchgate.net/publication/321001711_Populism_A_Socio-Cultural_Approach

Pelinka, Anton. (2013). "Right-Wing Populism: Concept and Typology." *Right-Wing Populism in Europe: Politics and Discourse*. Ed. Ruth Wodak, Majid KhosraviNik and Brigitte Mral. *Bloomsbury Collections*. London: *Bloomsbury Academic*, 3–22. <https://www.bloomsburycollections.com/book/right-wing-populism-in-europe-politics-and-discourse/ch1-right-wing-populism.pdf?dl>

Santos, B. (2018). Populismo, Democracia e Insurgência: Entrevista a Boaventura de Sousa Santos. O espetro dos populismos. *Ensaios políticos e historiográficos*. Lisboa: Tinta da China. 235–252.

Weyland, K. (2017). Populism: A Political-Strategic Approach. In C. R. Kaltwasser, P. Taggart, P. O. Espejo, & P. Ostiguy (Eds.), *The Oxford Handbook of Populism*, 48–73. Oxford: Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198803560.013.2>

Weyland, K. & De la Torre, C. & Aboy C., Gerardo & Hernán I. (2004). *Releer los Populismos*. Quito: Ed. Centro Andino de Acción Popular, 129-177. <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/49706.pdf>

Livros

Dahl, R. (1971). *Polyarchy – Participation and Opposition*. Yale University Press.

Dahl, R., Shapiro, I., Cheibub (2003). *The Democracy Sourcebook*. MIT Press.

De la Torre, C. (2000). *Populist seduction in Latin America: the Ecuadorian experience*. University Press

- Denzin, K. & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of qualitative Research*. SAGE.
- Freeden, M. (2003). *Ideology: A Very Short Introduction*. Oxford University Press.
- Freixo, M. J. V. (2009) – *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Instituto Piaget.
- Gerhardt, T. & Silveira, D. (2009). *Métodos de pesquisa*. UFRGS.
- Gerth, H., Mills, C. & Turner, B. (2009). *From Max Weber: essays in sociology*. Routledge.
- Gil, C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6* ed.). Atlas.
- Jacobs, K., & Spierings, N. (2016). *Social media, parties, and political inequalities*. Palgrave MacMillan.
- Kaltwasser, C., Taggart, P., Espejo, P & Ostiguy, P. (2017). *The Oxford handbook of populism*. Oxford University Press.
- Katz, J., Barris, M., & Jain, A. (2013). *The social media president: Barack Obama and the politics of digital engagement*. Palgrave MacMillan.
- Lakatos, M. & Marconi, M. de A (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. Atlas.
- Laclau, E. (2005). *La razón populista*. Fondo de Cultura Económica.
- Marchi, R. (2020). *A nova direita anti-sistema. O caso do Chega*. Ed. Almedina.
- MaxQDA (2020). MaxQDA – Manual 2020. Verbi Software. Berlin, Germany.
<https://www.maxqda.com/download/manuals/MAX2020-Online-Manual-Complete-EN.pdf>
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. Pioneira Thomson.
- Mouffe, C. (2018). *For a left populism*. Verso.
- Mudde, C. & Kaltwasser, C. R. (2017). *Populism - A Very Short Introduction*. Oxford University Press.
- Mudde, C. & Kaltwasser, C. R. (2012). *Populism in Europe and the Americas: threat or corrective for democracy?* Cambridge University Press.
- Mudde, C. (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge University Press.
- Müller, J. (2016). *What is Populism?* Pennsylvania Press.
- Prodanov, C. & Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho académico*. Feeval.

Urbinati, N. (2014). *Democracy Disfigured. Opinion, Truth, and the People*. Harvard University Press.

Taggart, P. (2000). *Populism: Concepts in the social sciences*. Open University Press.

Vala, J. (2021). *Racismo, Hoje Portugal em contexto europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Relatórios

Council of Europe (2019). *Fourth Opinion on Portugal*. <https://rm.coe.int/4th-op-portugal-en/1680998662>

Eurofound (2020), Living, working and COVID-19: Democracy and trust during Covid 19. <https://www.eurofound.europa.eu/data/covid-19/democracy-trust>

Institute for Economics & Peace (2021). Global Peace Index 2021: Measuring Peace in a Complex World, <http://visionofhumanity.org/reports>

International Institute for Democracy and Electoral Assistance (2021): The State of Democracy in Europe 2021: Overcoming The Impact of The Pandemic. <https://www.idea.int/gsod/sites/default/files/2021-11/state-of-democracy-in-europe-2021.pdf>

Kukutschka, R. (2021). (2019). Global Corruption Barometer: European Union 2021: Citizen's Views and Experiences of Corruption. https://transparencia.pt/wp-content/uploads/2021/06/GCB_EU_2021-WEB.pdf

Teses

Amaral, A. (2020). *A influência das redes sociais na comunicação política dos partidos de direita radical: o caso do Chega*. (Dissertação, ISCTE). Repositório do ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/21030>.

Esteban, I. (2019). *Attitudes on populism. A comparative enquiry across countries and parties*. (Tese de Doutoramento, Università degli Studi di Milano and Universidad Autónoma de Madrid). Repositório da Universidad Autónoma de Madrid https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/690403/esteban_irene.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Granado, C. (2010). *Democracia e participação ao nível local: o poder político e o orçamento participativo – o caso de Belo Horizonte e Palmela*. (Tese de doutoramento, ISCTE-IUL). Repositório do ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/4419/1/dout%20setembro1.pdf>

Hegstad, B.S. (2021). The radical right populism in Germany and Portugal, a comparative study. (Tese de Licenciatura, Norwegian University of Science and Technology).

<https://hdl.handle.net/11250/2775713>

Jaramillo, D. G. (2021). *Constructing the "good Portuguese" and their enemy-others: the discourse of the far-right Chega party on social media*. (Tese de mestrado, ISCTE). Repositório do ISCTE.

https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/23317/1/master_daniel_garcia_jaramillo.pdf

Magano, O. (2010). *Tracejar vidas normais: estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa*. (Tese de Doutoramento, Universidade Aberta). Repositório Aberto.

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1750>

Mendes, C.J.F. (2020). O populismo de direita no facebook: a campanha eleitoral do Chega para as eleições legislativas de 2019 (Dissertação de mestrado, ISCTE). Repositório do ISCTE.

https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/21096/1/Master_Catarina_Fonseca_Mendes.pdf

Silva, D. (2019). *O populismo e as redes sociais: o caso de André Ventura e a utilização do Facebook durante as eleições europeias de 2019*. (Tese de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa). Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa.

<http://hdl.handle.net/10400.14/30976>

Web Sites

Cision (2021). *Audiências televisivas dos debates presidenciais*. Disponível em:

<https://www.cision.pt/2021/01/audiencias-televisivas-dos-debates-presidenciais/>

Acesso em: 20 de maio de 2021

Diamond, L. (2004). *What is Democracy?* Hilla University for Humanistic Studies. Disponível em:

<https://diamond-democracy.stanford.edu/speaking/lectures/what-democracy>

Acesso em: 10 de dezembro de 2020

FoxP2 (2021). *Presidenciais 2021 – Índice Foxp2 de dinamismo nas redes sociais*. Disponível em:

<https://foxp2.pt/presidenciais-2021-redes-sociais-performance/>

Acesso em: 15 de outubro 2021

Mendes, M. S. (2021). *The rise of Chega and the end of Portuguese exceptionalism*. LSE European Politics and Policy (EUROPP) blog. Disponível em:

http://eprints.lse.ac.uk/108751/1/europpblog_2021_01_21_the_rise_of_chega_and_the_end_of_portuguese.pdf

Acesso em: 02 de outubro 2021

Mudde, C. (2019). *Nativism Is Driving the Far-Right Surge in Europe – and It Is Here to Stay*. The Guardian. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/global/commentisfree/2019/nov/12/nativism-is-driving-the-far-right-surge-in-europe-and-it-is-here-to-stay>

Acesso em: 20 de setembro de 2021

Silva, M. (2021). *Jornalismo e Discurso de Ódio: Aliados ou Adversários?* Disponível em: <https://setentaquatro.pt/ensaio/jornalismo-e-discurso-de-odio-aliados-ou-adversarios>

Acesso em: 29 de setembro de 2021